

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Flavia Settanni Pinto Gonçalves Bitelli

**SEXUALIDADE E VELHICE: AS VOZES DOS IDOSOS DO PONTO DE
VISTA DA GERONTOLOGIA SOCIAL**

MESTRADO EM GERONTOLOGIA

São Paulo

2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Flavia Settanni Pinto Gonçalves Bitelli

**SEXUALIDADE E VELHICE: AS VOZES DOS IDOSOS DO PONTO DE
VISTA DA GERONTOLOGIA SOCIAL**

MESTRADO EM GERONTOLOGIA

São Paulo

2013

Flavia Settanni Pinto Gonçalves Bitelli

**SEXUALIDADE E VELHICE: AS VOZES DOS IDOSOS DO PONTO DE
VISTA DA GERONTOLOGIA SOCIAL**

São Paulo

2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Flavia Settanni Pinto Gonçalves Bitelli

**SEXUALIDADE E VELHICE: AS VOZES DOS IDOSOS DO PONTO DE
VISTA DA GERONTOLOGIA SOCIAL**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), para obtenção do título de Mestre em Gerontologia.

Área de Concentração: Gerontologia Social.

Orientadora: Profa. Dra. Beltrina Côrte.

São Paulo

2013

BANCA EXAMINADORA

*Dedico este estudo à minha tia
Júlia Gonçalves, minha amiga e
parceiras para toda hora!!!
Obrigada por ajudar a consolidar
este sonho!!!*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, meus pais Ângela Settanni e Antônio Roque, irmã Débora Settanni e meu marido Rafael Anacleto Bitelli, que são doce inspiração de todos os momentos de minha vida, meus amigos, companheiros, o eterno amor da minha vida!!!

À minha orientadora Prof. Dra. Beltrina Côrte, pela confiança em minhas capacidades, e por ter me ensinado a ser uma pesquisadora, com carinho e dedicação de uma ótima orientação acadêmica.

Ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pela oportunidade de realizar este trabalho.

À Capes pela concessão da Bolsa de estudos que possibilitou a conclusão dessa pesquisa.

E aos demais professores, que com carinho e dedicação fizeram com que esses dois anos se tornassem valiosos em cultura e agradável e carinhoso em palavras.

RESUMO

BITELLI, F.S.P.G. *Sexualidade e Velhice: As vozes dos idosos do ponto de vista da Gerontologia Social*. Dissertação de Mestrado em Gerontologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013.

O mito de que na velhice se é assexuado foi o principal motivo que nos levou a delinear esta pesquisa, que teve como principal objetivo identificar no cenário gerontológico o que pessoas acima de 60 anos dizem a respeito da sua sexualidade, a fim de se compreender o discurso social de quem vivencia a velhice. Por cenário gerontológico entendemos as produções do mestrado acadêmico do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUC-SP, telenovelas da rede Globo e filmes documentários, materiais que compuseram esta pesquisa documental. Parte da seleção das dissertações de mestrado, no total de oito, foi feita na Biblioteca Digital da PUC-SP, que disponibiliza em formato eletrônico as produções acadêmicas defendidas a partir de 2005. A seleção das produções anteriores foi realizada no próprio Programa de pós-graduação. Em relação às telenovelas da rede Globo, a análise destas fazem parte de estudo atualmente desenvolvido no grupo de pesquisa certificado pelo CNPq “Longevidade, Envelhecimento e Comunicação”, do qual a pesquisadora faz parte. Quanto aos filmes documentários – *A dança da vida e 69 Praça da Luz* -, o acesso aos mesmos foram por indicação da rede social da pesquisadora, disponibilizados na Internet. A pesquisa explicitou como resultados as vozes das pessoas acima de 60 anos, considerando a multiplicidade de abordagens e narrativas, desvelando discursos densos de um tema tabu, que é a sexualidade na velhice. A apreciação de conceitos expressos nos referidos documentos também foi embasada na concepção de análise de conteúdo. A identificação de algumas “vivências” realçadas nas dissertações, telenovelas e filmes documentários, além de contribuir para a reflexão sobre as sexualidades possíveis, a partir das “vozes” de idosos e seus significados, possibilitou compreender melhor os desejos nessa fase da vida. Entende-se que essas narrativas ampliam o conceito de cultura. Assim, se a vida é uma experimentação da sexualidade, realçar as falas de quem a vivencia é traçar uma possível estética da velhice, na qual a vivência do envelhecimento mostra comportamentos sexuais diversos.

Palavras-chave: velhice; sexualidade; produções acadêmicas; gerontologia social.

ABSTRACT

BITELLI , F.S.P.G. *Sexuality and old age: The voices of older people in terms of Social Gerontology*. Dissertation in Gerontology. Pontifical Catholic University of São Paulo, 2013.

The myth that the old age is sexless was the main reason that led us to delineate this research, we aimed to identify the geriatric setting that people over 60 say about their sexuality in order to understand the social discourse of them. For geriatric scenario research for this academic Master Program of Postgraduate Studies in Gerontology at PUC - SP , the references are the TV Globo's soap operas and documentary films . Part of the selection of dissertations, totaling eight, was taken in the Digital Library of PUC - SP , which provides electronically academic productions defended since 2005 . A selection of previous works was held at the postgraduate program itself. Regarding the TV Globo soap operas, the analysis of these studies are part of currently developed in the research group certified by CNPq " Longevity , Aging and Communication " , which is part of the researcher . As for documentary films – "The dance of life" and "69 Square Light" - have access to the same social network as a nominee of the researcher , available on the Internet . The survey results explained as the voices of people above 60 years, considering the multiplicity of approaches and narratives , revealing dense speeches of a taboo subject, which is sexuality in elderly. The appreciation of concepts expressed in those documents was also grounded in the concept of content analysis . Identifying some " experiences " highlighted the dissertations , serials and documentary films , as well as contribute to the reflection on the possible sexualities , from the " voices " of the elderly and their meanings , enabled better understand the wants in this life stage . It is understood that these narratives extend the concept of culture. So, if life is a trial of sexuality , highlighting the lines of those who experience it is to trace a possible aesthetic of old age , in which the experience of aging shows various sexual behaviors .

Keywords : old age, sexuality, academic productions, social gerontology.

SUMÁRIO

Introdução.....	11
Capítulo I- Envelhecimento e velhice.....	20
Capítulo II - A sexualidade na terceira Idade.....	26
Capítulo III- O que a Gerontologia Social fala sobre a sexualidade.....	36
Capítulo IV- A sexualidade e velhice nas telas.....	51
4.1- Em telenovelas.....	51
4.2- No filme documentário "A Dança da Vida".....	53
4.2.1- Já estamos prontos.....	55
4.2.2 - A primeira descoberta.....	57
4.3- No filme documentário " 69 - Praça da Luz".....	63
Capítulo V- No discurso social, a história vivida	70
Considerações iniciais: “A gente é gente que precisa de gente”.....	78
Referências.....	81

INTRODUÇÃO

*Na vida, não vale tanto o
que temos, nem tanto importa
o que somos.
Vale o que realizamos com aquilo que
possuímos e, acima de tudo,
importa o que fazemos de nós!*
Chico Xavier

Esta epígrafe me leva a apresentar o que fiz de mim que teve como consequência o estudo desenvolvido e exposto ao longo deste trabalho.

Formei-me em Fisioterapia na metade de 2006, e logo fiz uma especialização em Fisioterapia Cardiorrespiratória. Comecei a trabalhar como plantonista no Hospital Presidente, localizado na Cantareira. Fiquei ali por dois anos, e me desliguei somente porque um professor me orientou a tentar o mestrado na Unifesp, onde cursei vários créditos, extremamente válidos para a minha formação profissional.

Na Unifesp conheci uma professora que me indicou um trabalho na distrofia muscular no Instituto do Sono, que foi meu primeiro emprego com carteira assinada. Passados três anos, fui convidada a dar aulas no Senac. Ali, nós, os docentes, assistíamos a palestras, e uma delas a recebi como uma bênção. O palestrante era o professor Ruy Barbosa, que trabalha na PUC-SP com educação e espiritualidade. Ele nos deixou seu e-mail, entrei em contato, e a partir daí comecei a frequentar suas aulas, às quintas-feiras, na PUC.

Nessas aulas conheci Ana Tomazzoni, mestre em Gerontologia pela mesma instituição. Em uma de nossas conversas, ela sempre agradável, me “apresentou” o curso de Gerontologia. Foram muitos os elogios às disciplinas e aos corpos docente e discente, e a colega não hesitava em afirmar que haveria uma identificação total entre mim e a Gerontologia. Decidi entrar em contrato com a Pós-Graduação em Gerontologia, e aqui me encontro hoje, com grande alegria.

Desde o início do estágio da faculdade trabalhei com diversos idosos, além de ter sido voluntária na Santa Casa de Geriatria em São Paulo, onde me apaixonei pelo trabalho com a terceira idade. As primeiras pacientes, em casa, foram minhas queridas avós, já falecidas. Cuidava delas com imenso carinho, e ao lado de ambas estive até seus últimos dias. Elas faleceram em decorrência de problemas respiratórios, que era a minha especialização, o que permitiu que as ajudasse ainda mais.

A avó materna era muito rígida consigo mesma; criou minha mãe para casar-se virgem, por exemplo. Após 60 anos nasci, com uma vivência diferente e pensamentos distintos, principalmente quando se tem 20 anos de idade (a avó estava com 80 anos). Eu não conseguia entender por que não se falava em sexo diante dela, nem mesmo o amor de duas pessoas era comentado. Em relação à minha mãe, aos poucos consegui mostrar que o sexo é natural entre duas pessoas, sem necessariamente estarem casadas. Nossa relação, felizmente, é muito boa.

A partir da vivência do trabalho com idosos, passei a observar que minha avó não era a única a ter certos princípios com o sexo. Diversas idosas foram criadas sob preceitos que as fazem entender o sexo não como prazer, mas apenas uma “necessidade do marido”. Não se tocam, não se amam para dar amor ao próximo.

A fim de compreender melhor essa etapa da existência humana, inclusive para me qualificar ante o mercado de trabalho onde atuo como docente, busquei o mestrado de Gerontologia da PUC-SP que tem como área de concentração a gerontologia social. Entrei como aluna especial e depois de seis meses como aluna regular. O Programa é multidisciplinar e sua estrutura contempla e oferece disciplinas temáticas, como Longevidade, Educação e Cidadania; Aspectos Médicos do Envelhecimento; Saúde, Envelhecimento e Linguagem; Estado e Envelhecimento; Metodologia de Pesquisa etc. Estas são algumas das inúmeras disciplinas abordadas no curso.

A disciplina de Metodologia foi a primeira a me interessar. Na época, por ser aluna especial, e há algum tempo estar sem atualização, resolvi cursá-la, e me apaixonei pela disciplina. Tive a oportunidade de conhecer o filme *Ponto de Mutação* (EUA, 1990), direção de Bernt Capra, adaptação cinematográfica do livro de mesmo título, publicado em 1983, de autoria de Fritjof Capra, um dos maiores pensadores da atualidade, em que reflete sobre a sociedade contemporânea a partir de um paradigma holístico de ciência e de espírito. Capra compara o pensamento cartesiano - reducionista e modelo para o método científico desenvolvido nos últimos séculos - ao paradigma emergente no século XX - holístico ou sistêmico, e que vê o todo como indissociável, e que o estudo das partes não permite conhecer o funcionamento do organismo.

É um filme instigante que pode contribuir com o entendimento do que seja um pensamento multifacetado do mundo. Capra faz uma crítica fundamental à mentalidade analítica e fragmentadora da ciência normal, em especial, às ciências que tomam o método analítico da Física Clássica de Newton como modelo que deve ser seguido para erguer as demais ao status de ciência perante a comunidade acadêmica.

Com este filme aprendi que somos todos parte da teia imensurável e inseparável das relações, é nossa responsabilidade perceber as possibilidades do amanhã, pois antes de tudo somos os únicos responsáveis por nossas descobertas, nossas palavras, nossas ações, e os reflexos das mesmas no universo em que estamos inseridos. Devemos entender e abrir nosso horizonte para modelos sistêmicos, escapando do conforto dos processos; temos o controle, mas muitas vezes não a compreensão. Cabe dentro desse preceito teorizar sobre os sistemas vivos: há o exemplo do homem que mirava uma árvore; mais do que caule, raízes, galhos e folhas, descobria vida, insetos, oxigênio, nutrientes, alimento, sombra, proteção, energia, uma síntese de integração.

Das atividades realizadas durante essa disciplina, o que mais me motivou foi o momento de colocar o tema de pesquisa e o dos colegas em um fértil diálogo interdisciplinar, que nos auxiliou no que seria mais dinâmico nas justificativas e problemáticas.

Outra disciplina que ampliou meu horizonte gerontológico foi Longevidade, Educação e Cidadania, a partir da qual passei a estudar com mais intensidade os direitos dos idosos e a posição do ser humano diante dos desafios que a vida impõe. Nessa disciplina compreendi como a educação auxilia na formação da cidadania. O idoso, perante a lei, é visto como um ser humano com seus direitos e deveres, mas na sociedade com frequência sofre descaso, provocado porque a lei não sai do papel. A cidadania tem como base fundamental o conhecimento dos próprios direitos e como reivindicá-los.

Conheci o universo do educador Paulo Freire, que aborda o tema de modo profundo, mas sem erudição, mostrando que o processo educacional não se esgota nos bancos escolares, mas é trabalho cotidiano, para si próprio e para os demais. E conheci

ainda o educador Edgar Morin, que trata da educação do futuro. Em um trecho de seu livro *Os sete saberes necessários à educação do futuro* ele escreve: “De que serviram todos os saberes parciais senão para formar uma configuração que responda a nossas expectativas, nossos desejos, nossas interrogações cognitivas?”.

Por me considerar uma profissional da fisioterapia cujo interesse pela anatomia é significativo, especialmente a fisiologia do corpo humano, tive na disciplina Aspectos médicos do envelhecimento um professor que tornou compreensíveis as múltiplas informações sobre o corpo humano e seus principais aspectos fisiológicos. Aprendi que aspectos físicos, cognitivos, clínicos e cuidados paliativos são pontos centrais quando se pretende fazer uma boa avaliação dos idosos.

Com a disciplina Saúde, envelhecimento e linguagem, tomei contato pela primeira vez com os autores Foucault e Canguilhem. Em *O nascimento da clínica*, Foucault descreve que a descoberta da anatomia patológica permitiu ao interesse médico se voltar cada vez mais para as estruturas internas do organismo, na busca de lesões que explicassem as doenças, e como, com isto, a importância do sujeito ficou em posição secundária. Canguilhem, por seu lado, propõe que ao se analisar “saúde”, é essencial partir da dimensão do ser, pois nesse contexto ocorrem as definições do que é normal ou patológico.

No Seminário Estado e envelhecimentos, deparei-me com temas que nos permitiram aprofundar o conhecimento sobre nosso campo de estudos. A constatação de como a sociedade enxerga a velhice, quais são os julgamentos que dela faz essa mesma sociedade, e os pontos positivos e negativos de pertencer à terceira idade fizeram com que percebesse como é real, mas difícil, a adaptação dos idosos no mundo atual. No texto *Reinvenção da velhice*, de Guita Grin Debert, observamos que os idosos se

adaptam à terceira idade, e o envelhecer torna-se um processo de mudanças internas e externas. Pode haver perdas, mas, por outro lado, a velhice significa ganhos, que devem ser levados em consideração pelos idosos.

Na atividade programada chamada Nepe na qual participei como organizadora, apresentado no dia 23/08/2012, apresentei o tema “Gerontologia: interfaces na formação acadêmica e desdobramentos na prática profissional”, sob a orientação das professoras Nádia Dumara Ruiz Silveira e Flamínia Manzano Moreira Lodovici. O trabalho visou apresentar o memorial dos ex-alunos, e faz parte de uma pesquisa do Programa, que visa: a) analisar as trajetórias de vida pessoal e profissional dos mestrados; b) identificar as sistematizações e reflexões elaboradas sobre as disciplinas e proposta curricular do Programa; c) verificar as principais aprendizagens reveladas na produção acadêmica apresentada nos Exames de Qualificação; e d) elaborar indicadores sobre a formação acadêmica de mestrados em Gerontologia, na perspectiva interdisciplinar.

Para entender sobre temática tão oculta na velhice, pretende-se como objetivo geral deste trabalho identificar no cenário gerontológico o que os idosos dizem a respeito da sua sexualidade; lendo assim o discurso social por cima dos ombros de quem os expressa, como ensina Geertz (1978).

Os procedimentos metodológicos consonantes com o objetivo proposto se pautam, essencialmente, na abordagem qualitativa envolvendo a pesquisa documental, realizada a partir da seleção de produções acadêmicas do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUC-SP no período de 2000-2013, novelas da rede Globo de 1970 a 2013 e dois filmes documentários. De acordo com Ludke e André (1986), a análise documental constitui uma técnica importante na pesquisa qualitativa,

seja complementando informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema.

Parte do levantamento das dissertações foi feita na Biblioteca Digital da PUC-SP - SAPIENTIA,¹ que disponibiliza em formato eletrônico as produções acadêmicas defendidas a partir de 2005. O levantamento das produções anteriores foi realizada no próprio Programa de pós-graduação. Após isso passamos para a etapa de seleção, classificação por temática e análise. Em relação às telenovelas da rede Globo, a análise destas fazem parte de estudo atualmente desenvolvido no grupo de pesquisa certificado pelo CNPq “Longevidade, Envelhecimento e Comunicação” (LEC),² do qual sou membro pesquisador. Quanto aos filmes documentários, o acesso aos mesmos foram por indicação da minha rede social e estão disponibilizados na internet. Ambos foram transcritos a fim de se manter com maior fidedignidade as percepções de diferentes idosos sobre sua sexualidade, seus hábitos e os lugares que frequentam.

A identificação de algumas “vivências” realçadas nas dissertações, telenovelas e filmes documentários, além de contribuir para a reflexão sobre as sexualidades possíveis, a partir das “vozes” de idosos e seus significados, possibilita compreender melhor os desejos nessa fase da vida. Entende-se, com Geertz (1978), que essas narrativas ampliam o conceito de cultura. Assim, se a vida é uma experimentação da sexualidade, realçar as falas de quem a vivencia é traçar uma possível estética da velhice, na qual a vivência do envelhecimento mostra comportamentos sexuais diversos.

¹ Ver <http://www.sapientia.pucsp.br/>

² Este grupo de pesquisa, coordenado por Beltrina Côrte, tem como objetivo analisar a cobertura da mídia em relação ao envelhecimento e à longevidade. Ele mantém em andamento dois projetos: 1) Observatório da Saúde-Doença no Envelhecimento e 2) Monitoramento da velhice e envelhecimento humano. Ver <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0071610X8PRE0V>

A análise de conceitos expressos na referida documentação foi embasada na concepção de *Análise de Conteúdo*, fundada na teorização postulada por Laurence Bardin (2009). A pesquisa pretende como resultados explicitar as vozes das pessoas acima de 60 anos, considerando a multiplicidade de abordagens e narrativas sobre a sexualidade na velhice. Conhecer essas narrativas nos permitiu reconhecer o discurso social daqueles que vivenciam o prolongamento da vida, oferecendo ainda a cada leitor deste estudo possibilidades interpretativas e analíticas.

Esta temática vem despertando a curiosidade científica. Na PUC-SP, oito alunos da pós-graduação em Gerontologia, de diversas áreas disciplinares, abordaram o tema clara e amplamente. Entre eles, três da Fisioterapia; duas da Enfermagem; um das Ciências Sociais; um da Psicologia; e um do Serviço Social.

Carlos Alberto Moraes (2003) buscou trazer a percepção da sexualidade feminina no processo de envelhecimento, Tânia Gonçalves Lima (2006) em “Tornar-se velho: o olhar da mulher homossexual”, tratou das percepções sobre a velhice e o tornar-se velho por meio do olhar singular da mulher homossexual feminina na meia-idade. Lima, procurou evidenciar novas formas e arranjos sociais possíveis para a velhice dessas mulheres homossexuais que apresentam constituição familiar e relações afetivas distintas do grupo heterossexual dominante na sociedade.

Cristiane Pasqua Prumes (2007) afirmou que do mesmo modo como cresce no Brasil o número de pessoas idosas, a expectativa de vida do portador de deficiência também aumentou, implicando questões sociais inerentes a todos os indivíduos como a sexualidade; ela buscou compreender os sentimentos relacionados aos portadores de deficiência intelectomotora em processo de envelhecimento. Carlos Alexandre Costa Correia (2009) descreveu o saber da homossexualidade e velhice a partir de

depoimentos de pessoas idosas. Pedro Paulo Sammarco Antunes (2010) fez levantamentos de demandas e necessidades em relação aos travestis. Janaína da Silva Aguiar (2011), analisou a sexualidade dos idosos, dúvidas e anseios, perguntando-se: “Será que essa faixa etária continua experimentando boas sensações mesmo com a sociedade a recriminando? Qual será o significado da sexualidade para indivíduos acima de 70 anos?”

Carolina Moraes Miranda Rolim (2013) discutiu a sexualidade das mulheres envelhecidas, a expectativa de vida média, a redução de níveis de fecundidades e fases de menopausa e climatério, e por fim, Joelma Higa (2013), abordou a união conjugal heterossexual e homoafetiva de idosos brasileiros: antigos conceitos, novas concepções.

Este trabalho se soma aos demais, visando contribuir com uma produção gerontológica a respeito da sexualidade nessa etapa da existência humana. Nele, a totalidade não tem sentido sem a singularidade das partes.

No primeiro capítulo traçamos um breve panorama sobre o envelhecimento e velhice, situando o leitor nos territórios percorridos desta etapa da vida. No capítulo seguinte, consideramos importante falar sobre a sexualidade na terceira idade, tema negligenciado pela sociedade. No capítulo terceiro, focamos na pesquisa acadêmica sobre a sexualidade a partir da perspectiva da Gerontologia Social para, em seguida, apresentar a sexualidade e velhice nas telas, por meio das telenovelas da rede Globo e dos filmes documentários "A dança da vida" e "69 - Praça da Luz". No último capítulo, mostramos que o discurso social das narrativas nos contam a história de vida daqueles que vivenciam a velhice contemporânea. Este percurso pelas partes nos levou a tecer algumas considerações iniciais, tomando como ponto de partida a voz de uma idosa: *A gente é gente que precisa de gente.*

CAPÍTULO I

ENVELHECIMENTO E VELHICE

O envelhecimento da população brasileira se define como uma transformação da estrutura etária das pessoas, que produz uma elevação de indivíduos com determinada idade, considerada como o começo da velhice. No Brasil a pessoa idosa é aquela que tem acima dos 60 anos de idade ou mais. O envelhecimento populacional é um processo natural da vida. O número de idosos brasileiros tem se dado de maneira muito rápida, constituindo o segmento que mais se eleva nos últimos tempos, sendo que hoje 12% da população nacional se definem por idosos (BRASIL, 2010).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), entre 1950 a 2025, o número de idosos no Brasil terá uma elevação de 15 vezes, enquanto a população total em 5 vezes. Estima-se que o Brasil passará a ocupar o sexto lugar quanto ao número de idosos, chegando em 2025, com cerca de 32 milhões de pessoas com mais de 60 anos ou mais de idade.

Várias condições vêm contribuindo para o aumento do número de idosos e a configuração de uma nova realidade demográfica. Entre elas, a diminuição de taxas de mortalidade, a diminuição da taxa de fecundidade, o estilo de vida, a inserção da mulher no mercado de trabalho, a indústria farmacêutica etc. Assim, a longevidade é desejada pela maioria dos indivíduos, desde que sob condições dignas, como não ficar dependente e, de preferência, não ficar velho. Desejo contraditório e situação paradoxal.

Como se possível fosse viver cada vez mais sem envelhecer e sem adoecer (BIRMAN, 1995).

O envelhecimento tem sido visto por governantes, políticos e planejadores como um problema, apesar de ser resultado do desenvolvimento das sociedades, uma prova das vitórias do ser humano sobre os percalços e adversidades dos fenômenos humanos e naturais. Um atestado de competência para algumas políticas e filosofias, mas que pode ter a contrapartida do fracasso e um gosto amargo para muitos, pois no final os anos ganhos a mais podem significar anos de sofrimento e infelicidade, tempo de perdas, incapacidades e dependências (BIRMAN, 1995).

O envelhecimento populacional não se refere nem a indivíduos, nem a cada geração, mas à mudança na estrutura etária da população, o que produz aumento do peso relativo das pessoas acima de determinada idade, considerada como definidora do início da velhice. Este limite inferior varia de sociedade para sociedade e depende não somente de fatores biológicos, mas também econômicos, ambientais, científicos e culturais (CARVALHO-FILHO & PAPALÉO-NETO, 2000).

Segundo Mascaro (1997, p. 42), o envelhecimento do ser humano pode ser diferenciado de acordo com:

(...) a existência da idade cronológica, que é marcada pela data do nascimento da pessoa e nem sempre está junto com a idade biológica, que é determinada pela herança genética e pelo ambiente, e refere-se às mudanças fisiológicas, anatômicas, hormonais e bioquímicas do organismo. E ainda o envelhecimento relaciona-se à idade social, que se refere a normas, crenças, estereótipos e eventos sociais que controlam através do critério da idade e desempenho das pessoas idosas.

Mascaro ainda acrescenta que:

(...) a idade psicológica, que é ampla, envolvendo as mudanças de comportamento decorrente das transformações biológicas do envelhecimento, e é influenciada pelas normas e expectativas sociais e por componentes da personalidade, sendo assim algo extremamente próprio de cada um. (1997, p. 43)

A respeito do envelhecimento, ressalta Mascaro (1997, p. 40) que o processo de envelhecimento humano “precisa ser considerado num contexto amplo, no qual circunstâncias de natureza biológica, psicológica, social, econômica e cultural estão relacionadas entre si”.

Os efeitos do processo de envelhecimento são geralmente evidentes e facilmente observáveis, porém pouco se sabe sobre a origem desse fenômeno comum a todos os seres vivos, havendo muitas discordâncias quanto a verdadeira natureza e dinâmica do processo. Pode ser conceituado como processo dinâmico e progressivo no qual ocorrem modificações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas, que determinam a progressiva alteração na capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, ocasionando maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos que terminam por levar à morte a pessoa idosa (CARVALHO-FILHO & PAPALÉO-NETO, 2000).

Inúmeras foram as conquistas da população idosa durante as últimas décadas. O marco dos seus direitos foi o Estatuto do Idoso estabelecido pela Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003. Material legal que serve de guia para referência em movimentos sociais e para que as políticas públicas sejam cada vez mais implementadas, possibilitando uma melhora na qualidade de vida na velhice. Hoje, o que temos é uma situação contraditória: de um lado, o crescimento massivo da população idosa; de outro, atitudes preconceituosas sobre o velho, retardando a implementação de medidas que visem minorar o fardo dos que ingressam na chamada terceira idade (BRASIL, 2010).

Isto quer dizer que o prolongamento da vida deve ser acompanhado por condições que garantam uma sobrevivência digna ou, como diz Netto (1996), é melhor acrescentar vida aos anos a serem vividos do que anos à vida precariamente vivida.

Atualmente, o que se nota é uma inversão de valores. O desenvolvimento tecnológico sublinha, cada vez mais, a importância da força de trabalho jovem. Passa-se a julgar o homem pela sua capacidade de produzir. Por terem sua capacidade de trabalho reduzida, os idosos não têm como enfrentar uma competição na qual as condições são desiguais. O resultado é marginalização e perda de sua condição social; condições associadas aos poucos rendimentos recebidos, fruto de aposentadorias irrisórias. Mas a velhice é sabedoria e também fraqueza. É experiência adquirida, mas também incapacidade de estar ativo na vida de todos os dias ou mesmo na vida política (BERZINS, 2003).

A velhice, segundo Foucault (2004, p. 134) tem valor tradicional e reconhecido, mas em certa medida, por assim dizer, limitado, restrito e parcial. Para Foucault, a velhice não mais aparece com o tempo ambíguo da vida, mas, pelo contrário, como uma polaridade da vida, um polo positivo para o qual se deve tender. Foucault (2004, p. 136) assinala que se quisermos, empregando uma fórmula que não se encontra em Sêneca e excede um pouco o que ele diz, poderíamos afirmar: doravante deve-se ‘viver para ser velho’. Deve-se viver para ser velho, pois é então que se encontrará a tranquilidade, o abrigo, o gozo de si.

O ponto central dessa ética da velhice apontada por Foucault, consiste em se colocar em relação à vida em estado tal em que se vive como se a tivesse consumado. Essa atitude ética em relação à vida deve ser praticada mesmo quando se é jovem: “Consumar a vida antes da morte”, “Nada esperar da vida”, “viver a vida como se fora o

derradeiro dia”. Longe de ser atitude de resignação a que se está posto ou de liberação dos desejos, ou ainda de busca de prazeres que instituem estados de carência permanente, trata-se de ética de afirmação incondicional da vida e deste mundo. Para Foucault uma única escolha é possível: “Delibera se queres ou não viver; mas saibas bem se escolheres viver, será a totalidade desse mundo – desse mundo que se expôs aos teus olhos, com suas maravilhas e dores – que terás escolhido” (2004, p. 347).

Grandes avanços, conquistas e descobertas em diversas áreas, a exemplo das ciências médicas, da saúde pública, do saneamento básico, das ciências da computação entre outros, vêm contribuindo, desde meados do século XX, para a melhoria da qualidade de vida de muitas pessoas. No entanto, muitas ainda, deles permanecem distantes. São pessoas que vivem como se estivéssemos no século XIX. Parte destas encontra-se incluída na categoria "idosos", categoria referida às pessoas com idade de 60 anos ou mais, no caso dos países em desenvolvimento. Apesar disto, sabemos que a velhice não pode ser definida apenas de um ponto de vista cronológico; que ela envolve outras e significativas dimensões da existência, como a da cultura e o meio social (D'ANTINO, 1998).

Entendemos que o envelhecimento populacional é um fenômeno mundial. No entanto, enquanto nos países desenvolvidos ele vem ocorrendo gradualmente, há mais de um século, nos países em desenvolvimento é um fenômeno mais recente, datando das três últimas décadas do século passado. Em ambos vêm impondo mudanças importantes na distribuição da população por grupos de idade, a chamada pirâmide populacional. Por outro lado, e nos países desenvolvidos, o fato de o envelhecimento da população ocorrer de modo mais paulatino e de modo paralelo ao desenvolvimento econômico, tem permitido, nos mesmos, a implementação de políticas garantidoras do bem-estar daqueles que envelhecem ou já são idosos (BERZINS, 2003).

Almeida (2005) lembra que o fato de envelhecer não significa parar de sonhar e de buscar novos projetos de vida; afirma que o velho tem a sua frente um mundo de possibilidades; mas que a realização vai depender tanto do indivíduo, como da realidade em que está inserido. O envelhecimento e a velhice não são questões apenas individuais e de escolhas pessoais, mas de uma relação intrínseca entre sujeito e realidade social.

Sem negar o fato de que a velhice representa um aumento de dificuldades, há que se considerar que muitas das capacidades humanas dependem de constante exercitação para permanecerem vivas e atuantes; dependem, também, da possibilidade de se alimentarem de projetos, por mais discretos que sejam. (2005, p. 14).

Podemos dizer que “velhice” e “velho” são assuntos constrangedores numa sociedade em que a mudança é o princípio da sua funcionalidade, não havendo espaço para o velho enquanto indivíduo dotado de individualidade e subjetividade. Este deve se adequar aos novos tempos e buscar a eterna juventude.

A esse respeito, a antropóloga Guita Debert assinala que,

A suposição de que a boa aparência é igual o bem-estar, de que aqueles que conservam seus corpos através de dietas, exercícios e outros cuidados viverão mais, demanda de cada indivíduo uma boa quantidade de “hedonismo calculado”, encorajando a autovigilância da saúde corporal e da boa aparência (...) nesse processo, a juventude perde conexão com um grupo estágio específico, deixa de ser um estágio na vida para se transformar em valor, um bem a ser conquistado em qualquer idade, através da adoção de estilos de vida e formas de consumo adequadas. (2004, p. 21).

CAPÍTULO II

A SEXUALIDADE NA TERCEIRA IDADE

Tinha oitenta e um anos de idade. Chama-se dona Cândida Raposo.

Essa senhora tinha a vertigem de viver. A vertigem se acentuava quando ia passar dias numa fazenda: a altitude, o verde das árvores, a chuva, tudo isso a piorava. Quando ouvia Liszt se arrepiava toda. Fora linda na juventude. E tinha vergonha quando cheirava profundamente uma rosa.

Pois foi com dona Cândida Raposo que o desejo de prazer não passava.

Teve enfim a grande coragem de ir a um ginecologista.

E perguntou-lhe envergonhada, de cabeça baixa:

- Quando é que passa?

- Passa o quê, minha senhora?

- A coisa.

- Que coisa?

- A coisa, repetiu. O desejo de prazer, disse, enfim.

- Minha senhora, lamento lhe dizer que não passa nunca.

Olhou-o espantada.

- Mas eu tenho oitenta e um anos de idade!

- Não importa, minha senhora. É até o morrer.

- Mas isso é o inferno!

- É a vida, senhora Raposo.

A vida era isso, então? Essa falta de vergonha?

- E o que é que eu faço? Ninguém me quer mais...

O médico olhou-a com piedade.

- Não há remédio, minha senhora.

- E se eu pagasse?

- Não ia adiantar de nada. A senhora tem que se lembrar que tem oitenta e um anos de idade.

- E... e se eu me arranjasse sozinha? O senhor entende o que eu quero dizer?

- É, disse o médico. Pode ser um remédio.

Então saiu do consultório. A filha esperava-a embaixo, de carro. Um filho Cândido perdera na guerra, era um pracinha. Tinha essa intolerável dor no coração: a de sobreviver a um ser adorado.

Nessa mesma noite deu um jeito e solitariamente satisfez-se. Mudos fogos de artifícios. Depois chorou. Tinha vergonha. Daí em diante usaria o mesmo processo. Sempre triste. É a vida, senhora Raposo, é a vida. Até a bênção da morte.

*A morte. Parece-lhe ouvir o ruído de passos. Os passos de seu marido
Antenor Raposo.*

O texto *Ruídos de passos*, de Clarice Lispector, fala de uma mulher idosa e seus desejos sexuais. Como reação à repressão e aos preconceitos socioculturais, coloca-se como “doente” diante da necessidade de prazer. Ao ir ao médico, dona Cândida solicita permissão para um ato carregado de extremo preconceito social - a masturbação. Após a “autorização”, seus atos masturbatórios visam satisfazer o que chamou de “desejo de prazer” (RISMAN, 1995).

Sobre a questão, Werlang (1989, p. 99) afirma: “A senhora de oitenta e um anos substituiu, assim, a autoridade da sociedade pela autoridade do médico, que obtém ou representa o poder nas questões do corpo”.

Diante da obra de Clarice Lispector, verifica-se que a manifestação da sexualidade não termina com a idade. O ser humano não deve continuar acreditando que o desejo e a necessidade da manifestação sexual na terceira idade sejam atribuídos a questões diabólicas ou comportamento negativo em sua vida, como na Idade Média (RISMAN, 1995).

A sexualidade foi definida como sendo “por natureza”, domínio penetrável por processos patológicos, solicitando, portanto, intervenções terapêuticas ou de normalização, campo de significações a decifrar, lugar de processos ocultos por mecanismos específicos, foco de relações causais infinitas, palavra obscura que é preciso, ao mesmo tempo, desencavar e escutar (FOUCAULT, 1990, p. 67).

Nossa cultura tem a tendência de reduzir a sexualidade à função reprodutiva e genital, sem levar em conta a importância dos sentimentos e emoções decorrentes do

processo educacional e vivencial do indivíduo na vida sexual. Sexo e sexualidade não tem o mesmo significado. Portanto, não referir uma história da sexualidade à instância do sexo é o que importa; mostrar, assim, como o sexo se encontra na dependência histórica da sexualidade (BRASIL, 2010).

A sexualidade vem sendo estudada de forma objetiva há algumas centenas de anos. Está muito distante de ser considerada somente um ato físico, de natureza constante, mesmo adquirindo significado bastante complexo. Entretanto, o ato 'sexo' se transformou em um fenômeno singular e há poucos séculos anos começou a ser estudado de forma mais objetiva. Durante os séculos XVIII e XIX, a moral repressora só aceitava falar da sexualidade baseada no instinto, que só teria o seu surgimento na fase da juventude e que teria como finalidade a reprodução (BRASIL, 2010).

Para Martes e Johnson, citados por Salimene (2003, p.171), todo indivíduo tem sentimentos, atitudes e crenças sexuais, mas a maneira como cada um vivencia sua sexualidade e velhice é única, pois decorre da perspectiva intensamente própria, que advém tanto das sensações e percepções pessoais, particulares, como de fontes sociais ou coletivas. É possível compreender a sexualidade e a velhice humana e admitir sua natureza multidimensional. Decorre daí a necessidade de apreensão dos fenômenos na sua totalidade e na sua particularidade. No cotidiano das relações, em contexto de historicidade, se explicam as relações interpessoais.

A sexualidade foi definida como sendo, "por natureza", domínio penetrável por processos patológicos, solicitando, portanto, intervenções terapêuticas ou de normalização, campo de significações a decifrar, lugar de processos ocultos por mecanismos específicos, foco de relações causais infinitas, palavra obscura que é preciso, ao mesmo tempo, desencavar e escutar (FOUCAULT, 1990, p. 67).

Nossa cultura tem a tendência de reduzir a sexualidade à função reprodutiva e genital, sem levar em conta a importância dos sentimentos e emoções decorrentes do processo educacional e vivencial do indivíduo na vida sexual. Sexo e sexualidade não tem o mesmo significado (BRASIL, 2010).

Sigmund Freud (1905), fez grandes contribuições ao estudo da sexualidade humana, fazendo grandes descrições ousadas, como exemplo ao assinalar que crianças nasciam dotadas de sexualidade, afirmando que elas se automanipulavam em busca de prazer, e que isso poderia se dar em várias partes do corpo.

Freud fala ainda do ato de uma mãe amamentar o seu filho, sugerindo a necessidade biológica de ser alimentado não ser o único objetivo da criança. Ao ser amamentado o recém-nascido procura satisfazer as suas necessidades emocionais ao entrar em contato direto pele a pele, sentir o olhar, ouvir a voz e também ser afagado com toques de carinho. Tudo isso se dá durante a fase oral que é durante o primeiro ano de vida da criança (BRASIL, 2010).

A fala de Freud sobre o estudo das fases do desenvolvimento da criança em relação a sexualidade, trouxe muitas repercussões para a sociedade vienense, que vivia sob uma educação vitoriana, na qual a repressão da sexualidade era muito destacada (RISMAN, 1995).

A palavra desejo traduz a ideia de querer, ter vontade, ambicionar, apetecer, ansiar, anelar, aspirar, cobiçar, e de atração sexual. Sempre tido como objeto de estudo de diversas teorias, o desejo atravessa séculos e "assiste" a busca de maior compreensão de seu significado (RISMAN, 1995).

Marilena Chauí, em *Laços do Desejo* (1990), assinala a interiorização do desejo, que foi visto em determinado momento da história, como força cósmica, organizadora

do mundo, passando, posteriormente, a ser entendido como apetite humano, expondo o surgimento daquilo que viria a chamar-se subjetividade: É a passagem de um pensamento que começa nas coisas e termina em nós para um pensamento que começa em nós e, através de nós, chega até as coisas.

Seguindo esta didática, apresenta-se a evolução de seu significado para as diferentes fases da história. Chauí lembra que, etimologicamente, a palavra desejo deriva do verbo desidero que, por sua vez, deriva do substantivo sidus (mais usado no plural, sidera), significando a figura formada por um conjunto de estrelas, que são as constelações.

Sidera é empregada como palavra de louvor, e na astrologia é usada para indicar a influência dos astros sobre o destino humano. Daí o significado examinar com cuidado, veneração e respeito. Pelo corpo astral, nosso destino está inscrito nas estrelas. Considerar, portanto, vem a ser consultar o alto para nele encontrar o sentido e guia seguro de nossas vidas. Por outro lado, desiderare seria cessar de olhar, deixar de ver e consultar os astros, e tomar o destino em nossas próprias mãos. Contata-se que o desejo, nessa concepção, passa a ser entendido como vontade consciente nascida de deliberação, que culmina na incerteza do destino pela perda voluntária de ajuda. Na Renascença, o desejo funde-se pouco a pouco ao amor: “O amor é desejo de união com o amado, e todo desejo é amor e todo amor é desejo”, segundo Hebreu, citado por Chauí (1990, p.23).

Se, como amor, o desejo se alça a plenitude, como desejo o amor é cada vez mais lamento, ânsia, nostalgia, e vem depositar-se na palavra saudade, que apenas a língua portuguesa teve o engenho e a arte de inventar:

Desiderium é o desejo de possuir alguma coisa cuja lembrança foi conservada [...]. Aquele que se recorda de uma coisa com que se deleitou deseja possuí-la nas mesmas circunstâncias em que na primeira vez com que se deleitou [...] se aquele que ama descobrir que alguma dessas circunstâncias falta, ficará triste, pois imagina algo que exclui a existência da coisa amada. Ora, como deseja por amor essas coisas ou essa circunstância, imaginá-la faltando entristece. Essa tristeza, enquanto referida à ausência do que amamos, chama-se desiderium [aqui, rigorosamente, saudade]. (ESPINOSA, citado por CHAÚÍ, 1990, p.23)

O laço que prende o desejo à ausência tornou-se, gradualmente, a definição do próprio desejo:

Do que os homens desejam dizem que amam... De modo que desejo e amor são a mesma coisa, salvo que por desejo sempre se quer significar a ausência de um objeto, e quando se fala em amor, geralmente se quer indicar a presença do mesmo. (HOBBS, citado por CHAÚÍ, 1990, p.24)

Freud elabora a teoria do desejo a partir da interpretação dos sonhos, enlaçando memória e desejo. O desejo nasce de uma perda, e é a busca insistente dessa perda que procura burlar a censura imposta ao desejante e ao desejado. É relacionado à memória e protelado indefinidamente para a não supressão de sua satisfação, abrindo-se para o imaginário e simbólico, o que faz com que não seja satisfeito e, portanto, nunca se acabe.

A crença de que o avançar da idade e o declinar da atividade sexual estejam inexoravelmente ligados é responsável para não se prestar atenção suficiente a uma das atividades mais fortemente associadas à qualidade de vida, como a sexualidade. Dificilmente a entrevista médica, do clínico geral ao reumatologista, geriatra e ginecologista, valoriza as queixas sexuais da pessoa idosa. Steinke (1997) assinala que há a nítida impressão que os médicos evitam o assunto por medo de não saber lidar com

ele e/ou receio de não saber o que fazer com as respostas que a pessoa pode dar. Se a sociedade evita o assunto, se os médicos evitam o tema, e se os próprios pacientes têm constrangimento, o panorama sexual da terceira idade ficará irremediavelmente abandonado ao conformismo e apatia cultural.

Em decorrência do desconhecimento e preconceito da sociedade, várias pessoas de idade avançada, nas quais ainda é intenso o desejo sexual, experimentam um sentimento de culpa e de vergonha, chegando a crer-se anormais pelo simples fato de se perceberem com vontade do prazer. De se perceberem seres desejanter. Limentani (1995) assinala que ainda existe o problema da literatura médica, de considerar a sexualidade exclusivamente calcada no coito, não compreendendo ou concebendo outras atitudes, condutas e práticas igualmente prazerosas.

A atividade sexual nos idosos é considerada inapropriada por vários segmentos de nossa sociedade, da família à mídia. Alguns entendem a atividade sexual nos idosos até mesmo como “imoral” ou “bizarra”. Nossa cultura aceita mal a existência de sexualidade nos idosos, e quando eles apresentam qualquer manifestação de interesse sexual são frequentemente discriminados. Beauvoir (1970) já dizia que de modo geral não se considera correto falar disso, nem pleitear a existência de problemas relacionados com a sexualidade.

Sobre a visão do jovem em relação à sexualidade na idade avançada, uma pesquisa feita por Cameron (1970), citada por Ludeman (1981), em que se constatou - em amostra de 317 pessoas, entre homens e mulheres de idades que variavam de 18 a 79 anos -, que independentemente da idade, os idosos foram considerados abaixo da média nos seguintes aspectos: desejo para o sexo; habilidade para desempenhar a sexualidade;

capacidade para o sexo; frequência de atividades sexuais e oportunidades sociais para a assiduidade.

Outra pesquisa que confirma os dados de Cameron (1970) foi feita por La Torre, Kear (1977), igualmente citada por Ludeman (1981), na qual avaliaram as atitudes a respeito do desempenho sexual dos idosos, considerando, para a classificação, as reações das pessoas frente às histórias. Desse trabalho, participaram 80 estudantes universitários e 40 enfermeiros domiciliares, os quais leram e classificaram três histórias em oito escalas comparativas.

Os dois estudos fornecem dados que indicam que a prática sexual entre pessoas idosas parece ser tão indefensável quanto inverossímil. Essas representações aparecem no conceito dos jovens e dos próprios idosos que participaram das pesquisas, incluindo os profissionais que trabalhavam com pessoas de idade avançada. É o jovem, entretanto, quem mais abertamente impõe preconceitos à sexualidade do idoso, ridicularizando qualquer manifestação sexual dos mais velhos.

A sexualidade na maturidade é tema emergente e que despertou, mais recentemente, grande interesse científico. Deve-se ratificar que a idade não dessexualiza o indivíduo; existem na verdade apenas modificações quantitativas da resposta sexual, ou seja, a vida sexual transforma-se constantemente ao longo de toda a evolução individual, porém desaparece somente com a morte (LOPES, 1989).

Na terceira idade ocorrerão alterações hormonais, emocionais e socioculturais, interferindo na sexualidade, que é função vital da infância à velhice. Mas no idoso, como assinala Potter (1999), é abolida e colocada em segundo plano. Algumas mudanças físicas e psicológicas acontecem nessa faixa etária. A principal mudança na resposta sexual masculina se dá na velocidade em que a ereção ocorre, pois acostumado

a tê-la rapidamente, a ideia de uma ereção surgindo lentamente é assustadora e frustrante. Potter (1999) assinala que as mudanças sexuais na mulher são mais lentas e progressivas, pela diminuição na produção de hormônios femininos, sofrendo alterações no desejo e na excitação. A adaptação é fundamental nesse momento de vida.

Até recentemente ainda se acreditava que por volta dos 50 anos o declínio da função sexual era inevitável face à menopausa feminina e à instalação progressiva das disfunções da ereção masculina. Além disso, a atividade sexual perdia fatalmente seu objetivo de procriação e, portanto, sua justificativa social. A concepção pioneira de Freud (1905-1969), afirmando o prazer como objetivo da sexualidade humana, liberou-a da obrigação de resultado pela reprodução. Segundo Giami (2003), a tese de Freud foi confirmada com a recente emergência do conceito de saúde sexual e a dissociação progressiva do conceito de reprodução, o que evidencia a autonomia da vida sexual e sua importância para o bem-estar dos indivíduos durante toda a vida.

A vivência da sexualidade na terceira idade nada mais é do que a continuação de um processo que teve início na infância. Os sentimentos individuais, aliados às alterações anatômicas e fisiológicas acarretadas pela idade, modelam o comportamento sexual de tais pessoas. Percebe-se, então, que a escassez de informações sobre o processo de envelhecimento e as mudanças na sexualidade em diferentes faixas etárias e especialmente na velhice auxiliam a manutenção de preconceitos. Consequentemente, houve várias estagnações das atividades sexuais das pessoas com mais idade (RISMAN, 1995).

Com visão restrita em relação à sexualidade e à velhice, a sociedade, diversas vezes, classifica esse período como de assexualidade e mesmo de androginia. Para Risman (1995), o indivíduo teria que unicamente assumir o papel de avô, ou de avó, ao

lhe ser delegado pelos filhos o cuidado de seus netos, na expectativa de que os monitorem enquanto concomitantemente desenvolvem atividades como o tricô e assistem à TV, usufruindo de sua aposentadoria.

Uma das grandes dificuldades que fundamentam o estereótipo de que a velhice convive com a sexualidade é a ênfase que se atribui à dimensão sexual. Em consequência, diz Risman, vivemos numa ditadura do orgasmo e da frustração, sustentada sobremaneira pela influência midiática. A campanha do Ministério da Saúde sobre sexo na terceira idade aconselha: experimentar a vida e aprender a se adaptar a algumas mudanças sexuais é o principal fator que determina o prazer sexual.

Muito se conhece sobre a sexualidade, mas são relativamente recentes as pesquisas sobre o tema em relação aos mais velhos. Novas descobertas, contrapondo-se a velhos mitos, estão ainda por vir. A própria longevidade da população – o aumento significativo dos que se encontram em faixa etária superior aos 65 anos e o número maior de anos que viverão após essa idade, ainda marco do envelhecimento estabelecido pela Organização Mundial de Saúde – contribuirá para os avanços.

Segundo Schiavi (1995), na última década mudanças com respeito à sexualidade permitiram aumento do número de idosos que buscam conselho e tratamento para as eventuais disfunções sexuais.

CAPÍTULO III

O QUE A GERONTOLOGIA SOCIAL FALA SOBRE A SEXUALIDADE

No início do século XX dois termos foram muito utilizados em relação ao envelhecimento: Gerontologia e Geriatria.³ A palavra gerontologia foi introduzida por Élie Metchnikoff em 1903 e significa o processo do envelhecimento. Ela vem do grego géron, do qual a palavra se deriva, e quer dizer "homem velho" e, logo, "o estudo de". Então a palavra gerontologia significa estudo do homem velho.

A Gerontologia se estabeleceu a partir de ideias que uniam fatos de patologias relacionados à velhice, como por exemplo os aspectos psicológicos que acometiam o velho doente. Jean-Marie Charlot (1867/1881), famoso médico francês, relatou em seu livro "Leçons cliniques sur lês maladies dês vieillards et lãs maladies chroniques" resultado de observações relacionadas entre velhice e doença, feitas em mulheres idosas de um grande hospital público de Paris. Com isso Charcot dividiu as doenças da velhice em três itens: 1) derivações de mudanças fisiológicas; 2) as preexistentes, mas com características especiais e perigo de morte na velhice; 3) doenças autoimune aos idosos. Estas foram ideias que tiveram grande importância gerontológica na pesquisa de fatores relacionados à velhice.

Foram três os campos de desenvolvimento da gerontologia: o biológico, o psicológico e o social. Estes campos estão igualmente associados ao processo de envelhecimento, embora o biológico tenha merecido muito mais atenção.

³ Informações extraídas de textos (xerox) dados em sala de aula durante o curso de mestrado em Gerontologia na PUV-SP. Ver PROGRAMA DE GERONTOLOGIA, PUC-SP, 2010.

No início do século XX, as pesquisas na área gerontológica se concentraram na observação de processos fisiológicos do envelhecimento e a probabilidade de alongar a vida por intervenção da medicina.

Em 1962, no Brasil, os estudos avançam e ocorre a criação do primeiro curso de extensão universitária sobre o envelhecimento. Estes acontecimentos ocorrem conjuntamente com a criação da Sociedade Brasileira de Geriatria (SBG), no Rio de Janeiro, deixando de fora diversos profissionais de outras áreas que também atuavam com o segmento idoso. Até que em 1968 a SBG fundou, com a participação de membros nomeados como "não-médicos" dando início à Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG). Infelizmente tal nomenclatura faz com que haja a discriminação por parte da área médica aos profissionais que não tem a mesma formação, havendo distinção entre médicos e profissionais das mais diversas áreas que também atuam com o público idoso, prevalecendo ainda hoje o olhar biológico. É importante definirmos que os membros nomeados como "não-médicos" tem igual competência para lidar com o segmento idoso, subtraindo a visão médica unicista de uma área patológica.

A formação em Gerontologia Social no Brasil surgiu em passos divergentes dos da Geriatria, lutando sempre por seu reconhecimento, o que ocorre ainda hoje. O primeiro curso de especialização em Gerontologia Social surgiu no Instituto Sedes Sapientiae, em São Paulo, em 1979, e foi aberto a profissionais de diferentes formações. O Sedes foi um dos precursores no estabelecimento do pensamento gerontológico no país. Iniciou a reflexão sobre o processo de envelhecimento, a velhice e a formação de recursos humanos nesta área, quando a população idosa ainda era reduzida e tinha pouca visibilidade entre a população.

Sua implantação deu-se graças à atuação das psicólogas Raquel Vieira da Cunha e Lea Rosenberg, estrangeiras e influenciadas pela psicologia que se desenvolvia nos Estados Unidos. Mais tarde (1980-2002) foi coordenado por Elvira de Abreu e Mello Wagner, também psicóloga, que teve importante atuação política social dentro da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia.⁴

O Sedes proporciona aos profissionais de diferentes especialidades e de diversas localidades do país conhecimentos sobre o processo de envelhecimento e velhice possibilitando uma atuação mais qualificada, ações preventivas e programas promocionais e inovadores junto à população idosa. Foi contribuição fundamental para o estabelecimento do campo da gerontologia em nosso país.⁵

O Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia (mestrado acadêmico) da PUC-SP teve origem no núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento (NEPE) e sua aprovação dentro da instituição ocorreu em 27 de novembro de 1996. Hoje o NEPE é um dos seus grupos de pesquisa que atua em três dimensões: atividade de ensino, pesquisa e extensão. O Programa iniciou suas atividades em agosto de 1997, tendo como objetivo a formação daqueles que encontraram no processo de envelhecimento e na velhice, propriamente dita, suas áreas de investigação e docência acadêmica e ou de atuação profissional. Foi reconhecido pela Coordenadoria de Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior (CAPES) em 13 de julho de 2000 (parecer 966). Em seu projeto consta que:

Apreendendo a velhice nas suas múltiplas dimensões, o curso mantém um permanente exercício da interdisciplinaridade pela articulação entre os conhecimentos produzidos na área e os que emergiam da prática e do conhecimento construído pelo próprio segmento idoso. Os exercícios se configuram na composição de

⁴ A partir de 2003, o curso do Sedes é coordenado por Graça Leal e Cristina Dal Rio, ambas especialistas na área do envelhecimento, sendo a última mestre em Gerontologia pela PUC-SP.

⁵ Referências cedidas por Graça Leal, coordenadora do Sedes, através de e-mail.

seu corpo docente, discente, grade curricular, e seus eventos acadêmicos e com a sociedade, permitindo a troca, integração, articulação, construção de saberes e novo posicionamento científico. (CÔRTE, LIMA e MURTA, 2003, p. 148)

Desde sua implantação, o Programa contribui, concretamente e de forma relevante, para o desenvolvimento dos estudos Gerontológicos no Brasil, contando com inúmeros trabalhos apresentados em eventos científicos (nacionais e internacionais) e publicados (em anais, livros e periódicos), todos na perspectiva do ser que envelhece. Parte significativa de egressos continuou a carreira acadêmica em doutorados e/ou se tornando docentes e pesquisadores em várias universidades do país, o que mostra o efeito multiplicador de sua proposta interdisciplinar e social (PROGRAMA DE GERONTOLOGIA, PUC-SP, 2010).

O Programa - que se apresenta (até o momento) como único programa brasileiro de pós-graduação *stricto sensu* a optar pela Gerontologia Social como sua Área de Concentração, opção atrelada ao objetivo de formar pesquisadores, docentes e profissionais com um perfil inovador - conta com um corpo discente e docente das mais diversas áreas. Esta grande diversidade de saberes estimula ainda mais o exercício da interdisciplinaridade expresso nas produções acadêmicas.

As pesquisas acadêmicas classificadas neste trabalho abordam temas diversos que relatam a sexualidade nas suas diversas formas. No programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), que tem como área de concentração a gerontologia social, encontramos oito dissertações tratando a temática da sexualidade na terceira idade.

A primeira delas, do fisioterapeuta Carlos Alberto Moraes (2003), intitulada “A percepção da sexualidade feminina no processo de envelhecimento” relata a inter-

relação com as variáveis vaidade, preconceito, fantasias sexuais, erotismo e amor. Ele entrevistou 15 mulheres, divididas em cinco grupos de três mulheres cada, classificando por faixa etária, de quarta à oitava década. Quando perguntado sobre amor as mulheres da quarta década assim responderam:

Ah! Eu acho que o amor é ... é um... são vários sentimentos juntos, né? Eu acho que tem desejo dentro do amor, eu acho que tem companheirismo tem a cumplicidade, e.... eu acho, pra gente dizer que ama uma pessoa a gente tem que ter uma gama de... atributos neste relacionamento, né? Eu por exemplo sou mais exigente hoje. Eu acho que quando você tem 20 anos, você...você quer alguma coisa da vida, quando você tem 40. (S.M.B, 48)

As mulheres da sexta década atestaram que a forma está diferente. Quem diz isso é M.L.C, 62 anos: "A forma de amar mudou. Ah! eu achava, porque eu sou uma mulher que me dedico muito ao homem, me apaixono muito me entrego". Fato que é corroborado com as mulheres da oitava década, representadas na fala de A.M., 85 anos: "Ah! sim, muda sim, muda. A gente vai deixando para trás muita coisa que a gente fazia, amava, gostava. Agora é outro tipo de amor que a gente sente, entendeu?".

Para Moraes, a percepção da sexualidade feminina no processo de envelhecimento refere-se a conjuntos de reflexões ricas e instigantes que suscitam e enfrentam questões filosóficas e políticas mais amplas. A sexualidade das mulheres do mundo atual são resultados de momentos político-sociais e históricos culturais. Portanto, segundo ele, fazem parte da história da humanidade, e essa discussão não se esgotou, mas sempre será objetivo de interesse e estudos para aqueles que se importam pelo tema.

Moraes assinala que "talvez a maior falha no entendimento da percepção da sexualidade seja reduzi-la aos aspectos puramente biológico e querer apreendê-la por

meio de instrumentos avaliativos quantitativos, como se não interferissem sobre a sexualidade feminina as experiências de vida e os significados culturais das mudanças que o corpo experimenta com o decorrer dos anos”.

Ele registra ainda que o silêncio envolve também a vida íntima do corpo das mulheres. Primeiramente as etapas de transformação do corpo feminino, quando no século 19 a adolescência feminina era entendida como uma mutação suave que as encaminhava ao papel de reprodutoras. Não havia rito de passagem, apenas uma transmissão de mãe para filha.

A pesquisa de Tânia Gonçalves Lima (2006), enfermeira, intitulada "Tornar-se velho: O olhar da mulher homossexual", teve como objetivo as representações sobre a velhice e o tornar-se velho por meio do olhar singular da mulher homossexual feminina, na meia idade. A feminilização da velhice é um fenômeno mundial, presente em todas as sociedades, e a mulher homossexual faz parte desse grupo crescente de idosas. A pesquisa de Lima analisa e interpreta os significados dos discursos das entrevistadas homossexuais femininas na meia idade, preservando a identidade das mesmas.

O estudo foi realizado com dez mulheres homossexuais na faixa etária de 40 aos 57 anos. Quando perguntado para as entrevistadas sobre a velhice e o ser velho elas responderam: “Representa uma falta e perda de vitalidade, um processo normal da vida, a última etapa da vida, representa uma ausência”, diz Olga, 49.

Em relação à homossexualidade feminina e velhice assim responderam:

Eu desde 6-7 anos eu sabia da minha condição. Eu também namorei meninos. Eu nunca lutei contra isto, foi minha escolha. Meu pai sempre foi contra. O amor não tem escolha. Sexo e promiscuidade...não era isto que acontecia. As pessoas sempre me aceitavam, eu sempre fui muito autêntica e nunca escondi nada de ninguém. Acho que cada dia mais as pessoas estão diferentes.. Até em preconceito em relação a preto, velho e pobre. (Gina, 40).

Somos pessoas que destruimos inúmeras barreiras, e sabemos dos preconceitos que tem em relação a velhice e vamos continuar quebrando barreiras. Tem até um preconceito nosso dos gays; hoje eu com 41 anos, mas quando nos gays olhamos mulheres de 60 até somos preconceituosos em relação a elas. (Ruth,50).

Sabemos que existem distintas formas de se envelhecer e de ser ou tornar-se um sujeito idoso, Lima descreve que a velhice é singular e heterogênea, assim como cada indivíduo, ou grupo de indivíduos da sociedade tem suas características particulares. O preconceito e o estigma em relação a esta minoria de mulheres são descritos e analisados, evidenciando a possibilidade de um duplo preconceito social.

Outra pesquisa, sob o título "Ser deficiente, ser envelhecendo, ser desejante, de autoria da fisioterapeuta Cristiane Pasqua Prumes (2007), teve como principais objetivos a compreensão dos sentimentos relacionados à sexualidade dos portadores de deficiência intelectual em processo de envelhecimento. Ela colheu depoimentos de quatro deficientes residentes na cidade de São Paulo. Um desses depoimentos é da mãe de um deficiente de 58 anos.

Começamos a notar atitudes em meu filho que nos levavam a perceber sua necessidade de externar seus desejos. Estas atitudes foram se repetindo inúmeras vezes e nos afligindo, porque sentíamos barreira e preconceito relacionados as suas reações. [...] O ato de pegar o telefone e ligar para uma mulher com a intenção de marcar um encontro para o meu filho me dava a sensação terrível. Imagina então para o meu marido, que ficava dentro do carro aguardando nosso filho na porta de uma casa suspeita! Não sei quantas vezes foram, só sei que foram difíceis.

Tanto a inclusão social como a sexualidade do portador de deficiência envelhecendo ainda são permeadas de muitos preconceitos, inclusive por parte das instituições e dos profissionais que trabalham com este segmento, fato que tendem a

excluí-los do direito de exercer sua cidadania e plenitude. A pesquisadora concluiu que faltam técnicas e capacidade de diálogo e acolhimento que possam auxiliar o indivíduo em suas diversas necessidades e também na sua promoção de saúde. A autora, apoiando-se em Morin (1991), relata que "o objetivo do conhecimento não é descobrir o segredo do mundo numa palavra chave. É dialogar com os mistérios do mundo" e pergunta: Como sustentar uma relação que se estenderá por tanto tempo?

Prumes afirma que mais do que saberes teóricos, mais do que experiências práticas no manejo das técnicas que assistem os deficientes intelectomotores, o profissional deve procurar dar atenção não apenas à saúde em si, mas os projetos que imprimirão sentido à vida de quem está sob seus cuidados. O profissional de saúde, diz ela, também pode ser considerado um educador, lembrando Paulo Freire (1996): "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção".

A pesquisa do cientista social Carlos Alexandre Correia (2009), intitulada "Homossexualidade e velhice, a dupla estigmatização", buscou conhecer um pouco do universo dos homossexuais velhos dos novos arranjos sociais, assim como também novas relações afetivas distintas do grupo de heterossexuais dominante na sociedade. Entender o preconceito e o estigma em relação ao grupo descrito, compreender suas representações sobre velhice, família e orientação sexual foi o objetivo da pesquisa de Correia. Trata-se de uma questão delicada e difícil.

Sobre a conclusão do seu trabalho, Correia relata que foi válida sua experiência com o mesmo, não só pelas descobertas e pelos desafios do trabalho acadêmico, como por explicitar um assunto que estava silenciado e dar voz e vez aos sujeitos. Correia registra que idosos homossexuais ainda constituem uma minoria destituída de

identidade e de voz e que esse foi um dos motivos que o levou à pesquisa e sua temática, com a finalidade de tornar audível a voz destes idosos, como abrir novos caminhos na compreensão e nas vivências das experiências humanas. Os homossexuais idosos vêm ocupando o espaço público, entrando neles como novos atores sociais.

Na pesquisa de Correia foi percebido que o velho é sempre o outro e que eles sofrem o duplo estigma: o ser velho e homossexual. Ressaltaram a hipocrisia da sociedade e sublinharam o modo pejorativo da sociedade se referir aos homossexuais: "velhos bicha velha". O fato de ser homossexual velho leva as pessoas a olharem como reprovação, pois tem atitudes que se contrapõem às disposições estabelecidas sobre a velhice e o gênero. Dentre todos os depoimentos três demonstram a importância do mesmo.

Hefestos: eu me tornei homossexual, por causa de um padre, fui uma das vítimas de pedofilia.

Hermes: eu tinha um primo que quando ia em casa, a gente sempre brincava, assim um comia o outro (...). Assumi com 23 anos, depois de um namoro fracassado com uma mulher.

Apolo: com 20 anos, eu vim para São Paulo, eu sofri duas consequências emocionais muito forte com mulheres, as duas me deixaram meio atravancado e eu tinha um amigo mais velho. No meu aniversário me chamou para dançar eu aceitei, ele me tacou um beijo e eu gostei, com ele fiquei nove anos.

O pesquisador conclui seu trabalho afirmando que a sexualidade é um aspecto muito valorizado por estes homens, que lembram que o tempo traz mudanças, mas que elas não os impede de sentirem desejo e prazer. São homens que mantêm relações sexuais pelo menos uma vez por semana, média superior dos heterossexuais e que seus parceiros são geralmente homens mais jovens, entre 20 e 50 anos. Para Correia, romper os estigmas, normas e valores estabelecidos e hegemônicos, é tarefa imperiosa e

urgente; e que cabe reconhecer e respeitar a diversidade, um dos princípios mais caros à democracia.

Pedro Paulo Sammarco Antunes (2010), psicólogo, em "Travestis envelhecem?", quis conhecer o processo de vida, chamado de velhice e envelhecimento, daquelas que foram designadas como travestis. E assim ele levantou demandas e necessidades em relação aos travestis. Segundo ele, essas denominações foram construídas para organizar o funcionamento social.

Antunes assinala que as ciências biomédicas foram importantes na categorização dessas pessoas. Elas apropriaram-se dos corpos humanos e determinaram o que é considerado normal, portanto desejável; o que é considerado anormal, logo patológico e indesejável. Sua pesquisa também tenta compreender o impacto que tais diagnósticos têm sobre aqueles que são reconhecidos como anormais em relação ao que foi denominado de gênero sexual. Antunes inicia uma importante discussão, ao trazer à tona a velhice de travestis e em depoimentos descreve os anseios dos mesmos. Em um dos seus depoimentos, ele questiona se travestis estão preparados para velhice, e eles assim responderam:

Travestis jovens que não se preparam? sendo que a média da idade delas não é muito grande, não há travestis com sessenta anos! Com cinquenta você encontra uma ou outra... Uma travesti na ativa com 40 anos você não encontra mais. Quando chegam acima de 50 anos, elas próprias se ocultam e somem completamente.

O que nós estamos fazendo agora? Eu represento uma rede nacional que tem 52 instituições e aconselhamos todos os travestis a pagarem o INSS para que no futuro tenham uma aposentadoria.

Ele percebeu em seu estudo que tanto o gênero como a velhice são compostos por atos, que constantemente reiterados, dão a impressão que há uma essência natural

de gênero e velhice, inerente à todos os corpos, manifestando-se ao longo da vida. Para sua pesquisa foram realizadas três entrevistas abertas com o foco em história e vida, por serem consideradas desviantes e anormais, afinal travestis desde tenra idade atravessam a vida como invisíveis e sob muito preconceito e, por conta disso, improvisam suas existências em contextos violentos. Suas expectativas de vida são baixas, as que vivem até a chamada velhice, podem ser consideradas verdadeiras sobreviventes e acabam servindo de referências e exemplos para os mais jovens.

Antunes assinala que ser travesti na atualidade não é o mesmo que ter sido travesti antes da década de 60, época em que se um homem saísse na rua vestido de mulher geralmente era preso. Não havia hormônios nem silicone. Porém, mesmo assim, muitas podiam ser travestis durante os bailes de carnaval.

A pesquisa de Antunes indica que é preciso haver políticas públicas que as amparem, começando pela família e escola, depois é preciso de políticas da saúde que as auxiliem em seus processos de transformação corporal para que não tenham que se arriscar clandestinamente com silicone industrial e ingestão hormonal desregulada. Em seguida está outro grande desafio: sua profissão e meio de sobrevivência. Ocupações onde não precisem se arriscar a doenças e violências. E que se assim for, que seja por escolha e não por ser a única forma de sobreviver.

Janaina da Silva Aguiar (2011), fisioterapeuta, preocupava-se no seu dia a dia de fisioterapeuta com o cuidado da escuta. Partindo desse princípio, quis compreender o significado da sexualidade para indivíduos acima de 70 anos. Em seu estudo, intitulado "O escutar: confissões sobre sexualidade", os entrevistados relatam que a sexualidade nunca desaparece, que a vida afetiva é normal, que às vezes há turbulências como em

qualquer relacionamento a dois de longa data, que são inteligentes para saber superar essa parte, que se beijam, andam de mãos dadas quando saem, frequentam motéis...

Do ponto de vista deles e do apoio teórico utilizado em sua pesquisa, a sexualidade inicia-se pelo lado emocional, afetivo e finaliza como ato sexual. Já uma minoria de seus entrevistados não teve uma experiência na sexualidade com pontos positivos, então não sabem se expressar ou deixam a desejar essas experiências. Houve quem se sentisse deprimido, outros manifestaram-se de maneira extrovertida ou introvertida, mas sentindo-se valorizados por saberem que a sua faixa etária não foi totalmente esquecida pela sociedade.

Aguiar descreveu que inicialmente havia espontaneidade e entusiasmo das mulheres, ao contrário dos homens. Mas que ao finalizar a entrevista, abordando a sexualidade, os papéis se invertiam: os homens tornavam-se mais extrovertidos e espontâneos do que as mulheres.. Somente uma das entrevistas, feita com um casal italiano - isso se modificou, pois ele somente respondia sobre sexualidade com detalhes quando completava a fala da esposa.

A autora finaliza seu estudo assinalando que o envelhecimento do corpo não deve significar deixar de viver a vida. Há distintas limitações, mas deve-se sempre acreditar que todas as experiências valem a pena.

Por sua vez, a enfermeira Carolina Morais Miranda Rolim (2013), em sua pesquisa intitulada "Sexualidade das mulheres envelhescentes - Idade de grandes transformações e desafios", colocou em pauta as experiências vividas pelas mulheres durante a fase de menopausa/climatério. Para isso ela identificou a percepção das mulheres sobre envelhecimento, verificando como elas vivenciam a fase de menopausa e as mudanças na sexualidade decorrentes do envelhecimento. O estudo de Rolim foi

desenvolvido no paradigma qualitativo, com dez mulheres envelhescentes entre 50 e 59 anos, por meio de entrevista semi-estruturada.

A pesquisadora retrata em seu trabalho que o envelhecimento é visto como algo natural, um processo fisiológico na vida de todas as pessoas. Para algumas mulheres, o envelhecimento é tido como um acontecimento aceitável, pois não há maneiras para evitá-lo, mas ele traz muitos problemas, como observamos em alguns depoimentos extraídos do texto:

Antes eu era bem mais tranquila, em todos os sentidos, eu não tinha problema nenhum. Hoje em dia com esta menopausa é um sofrimento. (Juliana)

Quando a gente é mulher e entra na menopausa, sente aqueles calorões, coisa horrível né? Você põem blusa, o cachecol e fica suando, depois tira tudo e fica com frio. Isso é horrível. (Isabel)

Não me sinto desejada e nem ativa, me sinto feia, muito feia. Eu sinto que meu marido não me deseja mais. Sei lá, pensando bem pode ser coisa da minha cabeça. (Claudia)

Com a menopausa muitas vezes não tem vontade de ter relação sexual, o corpo de antes já não existe mais, você se sente deprimida, é bem ruim porque isso mexe muito com o seu psicológico e interfere no seu dia a dia. (Natalia)

Segundo Rolim a menopausa é vista por muitas mulheres como um acontecimento marcante em suas vidas. Para algumas essa fase representa um acontecimento negativo, um verdadeiro sofrimento, algumas mulheres passam a não se sentir desejadas pelo parceiro, por acreditarem que seu corpo não é mais como era antes. No ato sexual muitas mulheres também reclamaram do desconforto pelo ressecamento vaginal, próprio desta fase. Essas mudanças na vida sexual levaram algumas mulheres a procurarem outras formas de carinho e afeto, ao invés do ato propriamente dito.

Joelma Higa (2013), assistente social, em sua pesquisa "União conjugal e homoafetiva de idosos brasileiros: antigos conceitos, novas concepções", investigou uniões conjugais heterossexuais e homoafetivas, na velhice. Seu estudo teve como objetivo apreender a diversidade nas uniões conjugais na velhice por meio de mapeamento do perfil, e por meio da coleta de dados do IBGE, além de compreender os discursos do sujeito por meio de um programa de TV e de um filme que abordam a temática da sexualidade. A pesquisa seguiu o método quantiquantitativo, tendo em vista que se analisou os dados coletados do censo 2010 em relação ao casamento, cruzando com o discurso dos sujeitos, possibilitando maior aproximação à realidade daqueles que vivenciam a relação homoafetiva.

A invisibilidade dessas uniões foi averiguada, em decorrência da dificuldade de se encontrarem informações estatísticas dessas conjugalidades que diferenciam da maioria heterossexual. Observou-se a inexistência de informações estatísticas que vislumbrem a magnitude da homoafetividade idosa no país. Em sua pesquisa, Higa refere-se há alguns dados que começaram a ser introduzidos aos poucos nas estatísticas oficiais, como foi o caso do Censo 2010, que se colocou no curso atual das transformações sociais, inserindo a relação homoafetiva, mas que ainda são insuficientes para a análise histórica de suas variáveis.

Por meio de dados do casamento (heterossexual), bastante abrangente, Higa verificou o crescimento desta união na velhice na última década, desmistificando de que o homem idoso se une, preferencialmente, com mulheres mais jovens, como ocorre no imaginário social. A pesquisadora descreve a interpretação de uma reportagem apresentada pela jornalista Cris Flores, no programa e televisão "Hoje em dia", da TV Record, em março de 2012, no quadro intitulado Melhor Idade: hora da virada: "João, 76 anos, viúvo há 10 anos, e Beatriz, 65 anos, que ficara viúva havia pouco tempo. Quis

o destino que os dois se conhecessem, no Centro de Referência do Idoso, para a realização do casamento na velhice".

A constatação de declarações homoafetivas idosas espalhadas pelo país solicita maior atenção sobre a existência dessa diversidade fora das grandes metrópoles. O que faz o filme “Desejo Proibido”, analisado por Higa, onde três histórias sobre homoafetividade acontecem na mesma casa, e em uma delas se vincula a relação homoafetiva à faixa etária idosa. O filme, ambientado em 1961, aborda a união homossexual de duas mulheres idosas, companheiras por 50 anos. Elas preservaram-se sempre na exigência de descrição do que é privado e público, por meio de sentimentos contidos e de interação silenciosa e distanciada dos familiares, numa época em que esse tipo de relação afetivo-sexual era inconcebível e o amparo legal, por via de consequência, totalmente inexistente.

Higa finaliza seu estudo assinalando que para alguns, o significado do relacionamento afetivo sexual está associado a plenitude da existência e, por meio dela, a qualidade de vida que abarca a diversidade do sujeito e suas expectativas implicadas no contexto psicológico, físico e sociocultural.

CAPÍTULO IV

A SEXUALIDADE E VELHICE NAS TELAS

4.1. Em telenovelas

Algumas telenovelas brasileiras, especialmente exibidas pela rede Globo, vêm apresentando a temática da sexualidade na velhice para a sociedade na perspectiva da gerontologia social e não biológica. A começar, a novela *O Casarão*, que mostrou a evolução do comportamento sexual já nos anos 70,⁶ onde um dos temas mais abordados foi a sexualidade vivenciada por um casal com mais idade. *Alma Gêmea*⁷, novela de Walcyr Carrasco com colaboração de Thelma Guedes, cujas personagens tinham uma bonita história de amor.

*Sete Pecados*⁸ centrou-se na sexualidade na terceira idade. O próprio autor da novela, Walcyr Carrasco, inspirou-se em sua mãe, ao vê-la apaixonada depois dos 60. Um dos núcleos fortes dessa telenovela tratava da história de um casal idoso, interpretado por Ary Fontoura e Nicette Bruno, ambos nascidos em 1933, que guardava inspirações bem reais. A novela mostrou a ternura e a verdade existente na sexualidade na terceira idade, desmistificando que o amor nessa fase da vida não se resume a jogar cartas nem a trocar receitas, como a maioria das pessoas ainda pensa, mas, ao contrário, vai muito além.

⁶ Produzida e exibida de 7 de junho a 11 de dezembro de 1976, escrita por Lauro César Muniz, com direção de Daniel Filho e Jardel Mello, em 161 capítulos.

⁷ Telenovela brasileira produzida e exibida no horário das 18 horas pela Rede Globo entre 20 de junho de 2005 e 10 de março de 2006, em 227 capítulos. Foi dirigida por Jorge Fernando.

⁸ Exibida no horário das 19h, de 18 de junho de 2007 a 15 de fevereiro de 2008, somou 208 capítulos e foi escrita por Walcyr Carrasco.

Em *Caras & Bocas*, Ary Fontoura novamente foi protagonista de uma história de amor ao se apaixonar por uma senhora simples e humilde (Beth Mendes). Em *Morde & Assopra*⁹, o autor novamente abordou o amor da terceira idade com o casal interpretado por Walderez de Barros e Paulo José. Desta vez Walcyr Carrasco contou com Claudia Souto, André Ryoki e Daniel Berlinsky para escrever essa novela.

Em *Passione*¹⁰, uma única história envolvia a paixão e a sexualidade de três pessoas acima de 80 anos, que ao final fica subentendido uma *ménage à trois*, interpretados por Cleyde Yácones (1923-2013), Elias Gleiser e Emiliano Queiroz. A *Vida da Gente*¹¹ também retratou o amor depois dos 60, interpretado pelos atores Nicette Bruno e Stênio Garcia, ambos octogenários, espectadores e partícipes das transformações percebidas na sociedade. A novela destacou ainda o sexo, o desejo, o medo que tinha a personagem Iná (Nicette Bruno), velha, de perder a libido com a idade, sobre o que ela comentou à imprensa nacional: “O sexo não acaba. O tempo vai transformando. As pessoas não são as mesmas de 50 anos atrás, mas acho a gente melhor do que quando nos conhecemos”.

Stênio Garcia, na ocasião, também declarou: “Nós nos aproximamos no cheiro, nas coisas que a gente vê. A gente vai ficando assanhado sob qualquer circunstância. São estímulos que a gente busca sempre”. *Amor à Vida*¹² explora o preconceito que algumas pessoas têm em relação ao relacionamento entre 'idosos'. A novela novamente traz como tema principal a sexualidade na terceira idade, interpretado pelo casal Ary

⁹ Telenovela brasileira produzida e exibida pela Rede Globo, no horário das 19 horas de 21 de março à 14 de outubro de 2011, em 179 capítulos, com direção geral de Pedro Vasconcelos.

¹⁰ Novela exibida de 17 de maio de 2010 a 14 de janeiro de 2011, em 209 capítulos e escrita por Silvio de Abreu, 1942, com direção-geral de Carlos Araújo e Luiz Henrique Rios.

¹¹ Foi exibida no horário das 18h, de 26 de setembro de 2011 a 2 de março de 2012, em 137 capítulos, escrita por Lícia Manzo e Marcos Bernstein, direção-geral de Jayme Monjardim e Fabrício Mamberti.

¹² Telenovela brasileira produzida pela Rede Globo que estreou em 20 de maio de 2013, escrita por Walcyr Carrasco, com direção geral de Mauro Mendonça Filho e núcleo de Wolf Maya.

Fontoura e Nathalia Timberg (ambos acima de 80 anos) que, inclusive, tiveram sua primeira noite de amor.

O assunto tomou conta das redes sociais, com brincadeiras, piadinhas e comentários preconceituosos, demonstrando o que já citamos: que mães e avós não fazem sexo ou nunca fizeram na vida - ou que não tem esse direito depois de certa idade. O espanto causado na rede social e inclusive dentro da própria novela por outros autores, fez surgir o seguinte comentário¹³: “Pode soar estranho ou incomum para muitos ver um casal maduro na cama - ainda mais não sendo marido e mulher. Porém, Carrasco prova que a questão é totalmente oportuna numa sociedade com cada vez mais idosos em plena atividade. E por que não dizer sexual? É hora de quebrar esse tabu”. Entre os autores de novela, Walcyr Carrasco é o que tem criado casais de mais idade envolvidos com a temática da sexualidade.

4.2. No filme documentário “A dança da vida”

“A dança da vida” é um filme documentário que fala da vida sexual na velhice a partir também do viés sociocultural. Diversos grupos de idosos levantam questões sobre sua sexualidade, hábitos e locais que frequentam. Há amor e sexo depois dos 60? Esta pergunta e, principalmente, diversas lições de vida são o tema do filme, que nasceu da constatação da mudança dos paradigmas com relação ao universo emocional e sexual da terceira idade. A partir de entrevistas sensíveis, o filme revela um perfil atualizado dessa faixa etária da população.

É o primeiro filme documentário brasileiro lançado simultaneamente em quatro mídias: internet, TV, cinema e DVD. Com duração de 80 minutos, as filmagens

¹³ Ver <https://groups.google.com/forum/#!topic/sercicos-de-protecao-social-basica/RLjkJqlvDf0>

ocorreram ao longo de três anos, sendo que 90% delas foram captadas pelo próprio diretor.

“A dança da vida” marca uma estratégia diferenciada no cinema, pois é o primeiro filme lançado por meio da rede de distribuição latina da Zapata Filmes, que deverá incluir todos os países da América Latina, criando circuitos alternativos para exibição de filmes feitos nesses países. A distribuição foi uma parceria da Brazucah Produções, que atua na divulgação e promoção de circuitos alternativos de exibição no Brasil e em diversos países da América Latina, por meio do projeto Cine Viagem Latino.

Em “A dança da vida”, os sujeitos foram identificados com seu respectivo nome.

Eis as vozes dos seus personagens reais:

A. José Daniel Artuim, conhecido como “Zé Bonzinho”, “primeiro o ser humano, depois o dinheiro é necessário, mas não é o suficiente para a gente ser feliz”... “tenho 67 anos para 68, mas fui registrado com atraso em Campanha, longe, mas abraço minha idade atual, estou meio judiado por fora, mas novo por dentro”... “gosto de trabalhar, gosto de namorar, e se tivesse chance fisicamente com certeza casaria outra vez, construiria outra família”.

B. “Meu nome é Maria Ortiz, nascida na Colômbia em 15/06/1953”.

C. “Meu nome é Nelson Pereira Criger, profissão técnico gráfico, idade 91 anos”... “tenho três filhos e nenhum deles acha que eu estou velho, mas eu estou”.

D. “Meu nome é Isaura Cardoso Nector... sou do tempo em que mulher ficava dentro de casa”.

E. Iracema Amorin da Rosa: “Eu fui prostituta, agora não sou mais, agora eu vivo com o dinheiro da minha aposentadoria e não preciso ser mais prostituta”.

F. Humberto, calvo em cima e cabelos compridos atrás: “Tenho 66 anos, mas espiritualmente me sinto um homem de 30, 40 anos”.

G. “Meu nome é Amauri Lopes Coelho, eu nasci em 1934, dia 28 de dezembro”.

H. “Meu nome é Venina Maria Carneiro e tenho 62 anos e meio, sou professora aposentada há 13 anos, e há mais de nove anos tenho uma nova profissão, sou motorista particular”.

I. “Eu me chamo Tânia, estou com 59 anos, fui professora e atualmente sou aposentada”.

J. “Eu tenho 56 anos, nasci em Pajé, Rainha da Fronteira... Meu nome é Nora Neiro Plei”.

L. “Meu nome é Louise, Maria de Louise, tenho 79 anos de experiência, sou aposentada e viúva”.

M. “Me chamo Ivanor, tenho três filhas, hoje sou aposentado, tenho 65 anos”.

N. “Eu tenho 72 anos, chamo Lourdes”.

O documentário começa em um salão de baile; chão de tacos e vários “pares de sapatos dançantes”. Casais dançam músicas típicas do Rio Grande do Sul. De início não se consegue visualizar o rosto das personagens, apenas os pés. Por volta de 30 casais dançam.

A cena é transferida, e surge a imagem de uma senhora em sua casa, relembrando a cena do baile e vendo o porta-retratos; a foto reflete a imagem de um senhor, mostrado na cena seguinte, calçando botas pretas, até a altura do joelho. Ao lado da sala encontra-se um banheiro; a cena volta para a mesma senhora que segurava o porta-retratos:

4.2.1. “Já estamos prontos”

Os depoimentos se iniciam e o assunto é a vida sexual, como eles o veem e como acham que são vistos pela sociedade; um ar de constrangimento surge, os olhares baixam e a vergonha toma conta. O primeiro depoimento é sempre difícil.

- A vida sexual

“A sociedade ainda vê a sexualidade na velhice como um tabu, algo reservado aos mais jovens. Há a exigência de que os homens não podem falhar e as mulheres têm de ter beleza e juventude como fontes únicas de atratividade. Tudo isso causa a diminuição do sexo”, destaca a psicóloga Ana Teresa. O geriatra Buksman concorda que os próprios idosos se discriminam em relação à aparência. “Cultuamos o jovem, o esguio. Há uma depreciação do aspecto físico do idoso”, acrescenta.

Segundo ele, a sociedade sempre incutiu na cabeça das pessoas que o sexo na terceira idade seria algo profundamente inadequado, colocando uma barreira psicológica principalmente para a mulher idosa. “Ela pensa que já passou dessa fase, que é uma avó e tem que ‘se dar ao respeito’”.

José Daniel Artuim – “Gosto de passear, gosto de namorar, e se tivesse chance fisicamente, com certeza casaria outra vez. Construiria outra família”.

Nora Neiro Plei – “Como é que é a primeira experiência sexual? A minha primeira experiência sexual eu questiono, pela própria formação que eu tive. Sexo para mim era até um tocar de dedos, de beijar na boca, porque eu achava que estava grávida”.

Maria Correia Ortiz – “Eu tinha 20 anos, e era a única que não tinha relação sexual, e isso era um problema que tinha que resolver. Creio que era anormal porque todos já tinham tido relação sexual, menos eu. Então, queria ter relação sexual e meu namorado não era do tipo que faria isso, mas aconteceu. Foi assim”.

Humberto – “Na minha época era diferente dos tempos atuais, a mulher era mais... Eu não era muito de namorar, mas às vezes que namorei fiquei 15 dias para

beijar a moça. Ficavam o pai e a mãe na sala, então ela lá e eu cá, o pai lá controlando e ela fazendo crochê, disfarçando. Então levei 15 dias pra beijar a moça, né? Então era bacana o tempo da ingenuidade e pureza, que não existe mais. O cara casava virgem, muitos jovens casavam virgem também. Hoje qualquer garoto de dez anos já tem sua primeira relação sexual”.

Enquanto o homem viver, seja qual for sua idade, é capaz de sentir impulsos eróticos, não existindo nenhuma idade em que a atividade sexual, os pensamentos sobre sexo ou o desejo acabam (Lopes, 1989).

4.2.2. A primeira descoberta

A diferença entre os depoimentos de Humberto, Maria Correia e Nora comprova a percepção de prazer para o homem e insatisfação para a mulher. O bloqueio sexual, portanto, nasce no homem ou na mulher? O desejo, para o homem, pela sua criação, é mais fácil; para elas o bloqueio desde criança faz com que o ato se torne insatisfação.

Humberto: “A primeira mulher da minha vida foi uma prostituta, que naquela época não existia, por exemplo: virgem era virgem, ela casava contigo virgem. Então era difícil. Eu era muito namorador, minha primeira mulher foi com 16 anos de idade, e ela tinha 15 anos, prostituta. Paguei uma taça pra ela e fui para o quarto com ela, aí começou...”.

Maria Correia Ortiz – Foi decepcionante, porque foi uma coisa que não tinha amor ali, havia uma curiosidade, havia um dever que eu tinha que fazer, porque pensava que já era a hora. “Meu primeiro beijo foi muito melhor, eu tinha 12 anos, e eu estava namorando um mulato que tinha 17, então em casa se aterrorizaram porque eu estava namorando um mulato, e pareceu a coisa mais horrível, primeiro porque era meu

primeiro namorado, segundo porque era um mulato, e foi muito bom porque eu tinha que planejar, onde eu ia encontrar, nos escrevíamos cartas, e foi maravilhoso.

Nora Neiro Play – “Então, a minha primeira experiência sexual foi beijo muito louco, até aqueles toques antes do sexo, mas foi aos 21 anos, acredita?! No dia 15 de novembro, era um feriado, antes disso eu achei tão pouco aquilo, porque eu já tava tão... Aquilo pra mim não era nada, eu achei tão cretino, hipócrita, se eu beijava muito, se eu fazia aqui e lá umas coisas que na minha época eu fazia e hoje acho difícil de fazer. Hoje já chega ao finalmente, é tudo modificante. Então, talvez por causa da minha criação sempre fui metidinha, baixinha, mas era metida. Até tinha uma amiga que me dizia assim: ‘Quando eu digo ai, como eu estou velha, estou decadente, aí ela diz assim: aí, 15 minutos contigo, minha querida, tu tem a idade que tu quer’”.

Como “orientação sexual” se entende o direcionamento do desejo e do sentimento. Para Cardoso (1996), a orientação sexual diz respeito ao sentido do desejo sexual. O autor alerta para as diversas possibilidades de prazer, diferenciando-o de prática sexual (o que as pessoas fazem) e de identidade sexual (o que é, como as pessoas se sentem). Nada menos de 73% dos sêniores de 57 a 64 anos indicaram ter tido relações sexuais no último ano, assim como 26% dos demais, maiores de 75 anos. Verificou-se que as atividades sexuais mais frequentes entre os idosos eram carícias, toques e finalmente o coito. Quanto à prática da masturbação, 74% dos homens e 42% das mulheres ainda a praticam pelo menos duas vezes ao mês (Kaiser; 1996).

Quando questionados sobre masturbação, homossexualidade e bissexualidade, assim responderam:

Humberto – “Olha, eu me masturbei muito quando garoto, muito mesmo, e o homem que disser que não se masturba está mentindo, todo ser humano, isso faz parte da própria natureza”.

Maria Louise, 79 anos – “Eu me masturbava, isso não posso negar, era jovem, e depois, se a gente gosta de alguém, a gente fica na fantasia”.

Humberto - “Para a mulher é muito fácil, é só no grelinho dela aqui, que é a parte, o clitóris é onde ela chega ao orgasmo, se tu friccionares o clitóris dela com o dedo ela tem um gozo incomum”.

Maria Louise – “Já faz algum tempo que não tenho mais o desejo, antigamente achava meio pecaminoso, e ao mesmo tempo achei bom, mas o que vou fazer, né?”

Maria Cortez Ortiz – “Eu era basicamente da religião católica, e a sexualidade era extremamente reprimida, reforçavam na casa e reforçavam no colégio”.

Nora Neiro Play – “Acho que toda a procriação, toda natureza e toda fase do universo não têm grande queixa”.

Amauri Lopes Coelho – “A sexualidade, quanto a sexo, eu acho o seguinte, tem pessoas que negam, por exemplo, na minha condição de homossexual eu não nego, sempre me apresento para as pessoas como tal, para quê?; se me apresentar diferente como sou, no passar as pessoas vão me ver homossexual e vão dizer como ele se apresentou como homem, e é homossexual?!”.

Humberto – “Eu, quando era mais jovem, tinha alguns casos, como se diz, agia como homossexual, tinha um relacionamento rápido, mas nunca me fez a cabeça, às vezes por necessidade fisiológica, necessidade de transa, né? Mas gosto é de mulher”.

Nora Neiro Play - “Eu me sinto uma pessoa extremamente rotulada. Porque simplesmente hoje já tem ONGs, tem lugares que falam GLSPPT, não é só aquela coisa assim, tu é gay homem ou tu é lésbica mulher, não me acho uma homossexual, eu me sinto uma heterossexual, eu, dentro da minha consciência do meu ser, eu me acho uma mulher normalíssima sendo bissexual, e me sinto feliz”.

Maria Cortez Ortiz – “Já quis estar com outra mulher, senti vontade de estar com outra mulher. É engraçado esse lado masculino que aflora, e a parte feminina do meu esposo se permitir desenvolver, descarregar ou expressar esse outro lado”.

Maria Louise – “Isso também é uma coisa relativa, não tenho experiência nem nada, mas acho que é possível, também nós não podemos atirar pedra se alguém se sente atraído por amizade. De viver com uma mulher eu não teria talvez. Isso nunca me aconteceu”.

Amauri Lopes Coelho – “É outra coisa que sou contra, totalmente contra, você homossexual, um homossexual formar família e com mulher e filhos sou contra, porque acho que tu tens que ser uma coisa ou outra, duas não pode ser ao mesmo tempo”.

Guiddens (1993, p. 24) lembra a história de um senhor de 65 anos que, após a morte da esposa, apaixonou-se por outro homem e assumiu sua nova orientação sexual.

Na terceira idade a forma de prazer está sendo alterada; o desenvolvimento e a busca da sexualidade do idoso apresentam-se como sedução: o toque, o carinho, beijos e o diálogo são algumas alternativas que trarão de volta o erotismo, que poderia ter sido apagado pelas dificuldades, rotinas, doenças ou perdas (Silva; 2003).

D. Lourdes – “Meu marido nunca reclamou se tenho engordado, ele aceitou, né? Ele nunca fez nenhuma referência quanto à parte física e estética”.

Isaura Cardoso Nector – “Tem senhoras que se preocupam com a beleza, né? Se preocupam muito com a beleza, nunca me preocupei com a minha, sempre fui eu mesma e pronto”.

Tânia – “Acho que tem que aceitar e curtir, acho que não adianta ficar sem conforto, com os peitinhos lá em cima, toda cheia dos aramezinhos e viver botando botox, e fazendo estilo de coisa que não acho legal isso, não acho que tenha que ser assim, acho que tem que se aceitar e se cuidar, porque a gente pode se cuidar”.

Avenina – “O tempo vai passar, os anos não se prendem a isso, de ver as imperfeições, vamos dizer. Às vezes eu digo ai, eu estou feia, e pra ele eu estou sempre bem, digo estou gorda, barriguda, e ele diz você está bem, aí não adianta eu falar”.

Humberto – “O cabelo que tinha já foi, agora estou deixando crescer, me sinto bem assim”.

Isaura Cardoso Nector – “A minha vida foi muito feliz, interessante, passou minha vida toda e não estou preocupada ainda muito; tomo um banho, passo um batom, porque nem pintura usava, mas agora idosa a gente dá uma coisinha, né?”.

“Uma das maiores frustrações do homem é a insatisfação sexual. De repente um comprimido vem e diz: ‘Vai ser feliz, homem! Vai ser feliz, humanidade! Vai se realizar homem! Vai se realizar, mulher!’. Como é que não vou elogiar esse comprimido?!”

Esse depoimento foi dado por um dos cronistas mais populares do Rio Grande do Sul - Paulo Santana, no programa de TV Globo Repórter. Como indica a reportagem,

o jornalista ficou tão impressionado com o resultado do remédio, que publicou sua experiência no Zero Hora, o mais importante jornal do Estado. Nenhum outro medicamento havia sido abordado na mídia impressa brasileira com a mesma expressividade e vaidade de sentido (Adorno;1998).

José Daniel Artuim – “A minha sexualidade , a pessoa passou por uma faixa de idade ou tempo, mas ainda ela não se acha completamente realizada. Pode até demandar um pouco da luxúria, quer dizer, a luxúria está em dois seres, mas não de forma exagerada, mas ciente e consciente. Não adianta procurar uma garota de 20 anos se minha sexualidade não dá. Quer dizer: posso satisfazer até certo tempo, mas a energia dela é muito maior. Daí, na hora da partida eu agradeço pelos momentos bons que ela me proporcionou, e quero que ela seja muito feliz, aí entra a sabedoria”.

Humberto – “Nunca tomei viagra, nunca precisei disso, até hoje, estou com 66 anos e nunca precisei disso. Agora, próximo ao dia 7 completo 67 anos, mas nunca tomei nada, né? Talvez porque desde pequeno sempre fui muito bem alimentado pela minha mãe, até dois anos e meio mamava nos seios dela. Sou de origem alemã por parte de pai, por isso sou muito forte. Então, nunca precisei desses negócios de viagra. Eu acho que se puder não tomarei nunca”.

Nelson Pereira Criguer – “Nunca coloquei medicamento no meu copo, porque quando escolho a pessoa a vontade vem automática”.

Ivanor, marido de Avenina – “Não tenho muita vergonha, chego para a mocinha e peço: me dê um remedinho”.

Isaura Cardoso Nector – “Tenho uma amiga que um senhor se apaixonou por ela, pois ela é muito bonita; ele se apaixonou, e ele era um pouquinho idoso, devia ter

uns 70 anos, acho; e ele, coitadinho, ficou apaixonado por ela, ele foi ao médico e comprou uma caixa, duas caixas, mas não resolveu. Coitado do homem, já é falecido”.

Avenina – “Eu é que tinha mais preocupação com o Ivanor se ele honrasse”.

Ivanor – “Só tomava com receita médica”.

Tânia – “Não faço uso dessas coisas não, não

Ivanor – “Não tomo esse medicamento sempre, tomo uma vez por mês, às vezes faço sexo sem tomar, às vezes nem tomo inteiro, tomo metade”.

Tânia – “Não existe aquela preocupação com o desempenho, essa é a minha experiência, tenho um namorado, não vive comigo, a gente se encontra de 30 em 30 dias, ou até mais, então existe sempre uma experiência nova, uma expectativa”.

Outro depoimento que marca muito a sexualidade na terceira idade é o documentário 69 Praça da Luz, onde retrata depoimentos de idosas prostitutas, sua vida nas ruas, suas felicidades, medos e anseios.

4.3. No filme documentário “69 - Praça da Luz”

O filme documentário “69 Praça da Luz” (2007),¹⁴ escrito, dirigido, produzido e editado por Carolina Markewicz e Joana Galvão, mostra como cinco prostitutas - todas elas velhas e com histórias muito tristes de abuso na infância, abandono... - ganham a vida na Praça da Luz, em São Paulo, com relatos inusitados e surpreendentes. As cinco mulheres revelam em detalhes suas experiências em todos esses anos de profissão. Aprender a ver o ser humano que está à sua frente, sofrendo, lutando, procurando

¹⁴ Disponível em: http://portacurtas.org.br/filme/?name=69_praca_da_luz

sobreviver e ser feliz do jeito que pode, do jeito que consegue, é básico no processo de humanização, e é isso o que o documentário tenta passar.

São 21 minutos de um olhar delicado sobre a vida de cinco mulheres cujo cotidiano é carregado de mágoas: Geisy Figueiredo, Silvana de Castro Matias, Ama Zilda Marcelino, Emília da Luz e Claudete da Silva. Todas elas, prostitutas de idade avançada. O trabalho já ganhou melhor curta do festival do Rio 2008, melhor curta no Mix Brasil 2007, melhor curta no Queer Lisboa, pelo público. Além de participar de inúmeros festivais em todo Brasil e fora dele, como em Jacarta, Atenas, Israel, Canadá, Havana, e na première Brasil em Washington.

Em entrevista à imprensa nacional,¹⁵ Carolina Markewiez comentou que a ideia do documentário surgiu quando foi ver uma exposição na Pinacoteca. Ali, foi tomar um café e resolveu dar uma volta no jardim da Luz.¹⁶ Foi então que viu aquelas mulheres, e ficou realmente abismada com o fato delas serem prostitutas. Pareciam ter mais de 50 anos, meio “poderia ser minha tia, minha vó”. Contou a ideia para Joana Galvão, que há tempos queria fazer um curta juntas, e aí resolveram realizar o filme, totalmente independente. Elas fizeram tudo: roteiro, direção, edição e produção.

Carolina Markewiez comenta o momento mais marcante do trabalho:

Eu particularmente me emociono ao lembrar de dois...um deles foi quando a Geisa, a ruiva, começou a se soltar e contar as coisas mais absurdas. [...] Ela começou a contar tudo que eu sempre tive curiosidade em saber, sem papas na língua, e a gente achava que as pessoas também tivessem essas mesmas curiosidades. Outra foi quando a Silvânia, a de cabelo curtinho, começou a contar como a vida dela se tornou um inferno por causa da madrasta, que foi inclusive responsável pelo fim do seu casamento. Ela estava contando histórias inusitadas e divertidas antes, dando risada...quando ela começou a falar da madrasta, de seus dramas familiares, seus olhos começaram a lacrimejar e

¹⁵ Ver em <http://kakaos.wordpress.com/category/cinema/page/9/>. Acesso em 15/08/2013.

¹⁶ A lanchonete da Pinacoteca dá para o Jardim da Luz.

era de fato muito triste... foi por pouco que nós não caímos no choro também.

A diretora disse ter se surpreendido com a maneira com que elas encaram tudo aquilo. Segundo ela, “é muito louco quando você se depara com um universo completamente diferente do seu, e convive com pessoas que se acostumaram com aquilo, tratam com a maior naturalidade”. Ela ressalta: “Para elas, é só um trabalho, é natural, é o que elas fazem todo dia há 40 anos. Essa leveza para levar algo evidentemente pesado (nos nossos conceitos) é muito surpreendente”.

Transcrevemos a seguir as vozes dessas mulheres que há muitos anos vivem da sua sexualidade. Aqui, as experiências de cada mulher são relatadas, o nome de uma pode muito bem ser da outra, por isso optamos em não nomeá-las, a não ser dentro da fala delas mesmas.

- Chegou um rapaz com 18 anos de idade e me falou: perguntou assim para mim, quantos anos você tem? Na mesma hora eu disse: você vai fazer comigo ou com a minha identidade? Não é porque eu quero fazer com uma mulher de 80 anos.

- Tem várias aí, tem uma aí que dá até dó, tem 70 anos.

- Um freguês meu me falou: olha tem uma de 70 anos que eu transo com ela, olha ela é show de bola, ela dá de 10 em qualquer menina nova aí.

- Falam que panela velha é que faz comida boa né?

- Antes de eu começar a trabalhar aqui eu fui abandona pelos meus pais, minha mãe muito pobre deu eu e mais dois irmãos.

- Com cinco anos de idade meu pai faleceu.

- Meu pai morreu quando eu tinha seis anos, daí minha mãe ficou com a escadinha.

- *Quando tu perde a mãe, tudo perde em sua vida, quando eu cheguei em São Paulo eu comecei a trabalhar como costureira.*

- *Chegou uma mulher para mim, perguntou meu nome, eu disse, e ela me falou. Oh Geisy, tem um homem muito apaixonado por você. Eu tinha 21 anos, quando eu vi o homem, eu soube que ele era o mais rico da cidade, então não tive dúvida, tirei a roupa e fiz.*

- *Eu passava pela praça e via várias senhoras sentadas no banco e me perguntava, o que elas estão fazendo aí? Perguntei e elas me falaram. Aí fiquei pensando: Se eu soubesse que dava dinheiro meus filhos nunca tinham passado fome.*

- *A gente cobra 20 reais.*

- *Aqui você tem que comprar e pagar, é uma vitrine, tem de tudo para todos os gostos. Todo mundo tem o seu lugar.*

- *Você é gostosa de mais, eu quero você, seu grilo é grande.... Jesus!!!*

- *Acho que eles não querem um grilo, eles querem um pinto.*

- *Se não tomar cuidado eles mordem o desgraçado do grilo.*

- *Um queria que eu ficasse de cavalinho e ele subia nas minhas costas, eu faço de quatro, anal não!!!*

- *Só não gosto muito de dar a bunda.*

- *Dói, é ruim. Aquilo vale ouro.*

- *Olha não vou dizer que eu nunca fiz anal, eu faço, mas só com cliente que eu conheço, que eu sei o tamanho do pênis dele.*

- *Eu vi um judeu, nossa tinha um pinto diferente, tipo uma garrafa de coca-cola, a ponta fina e embaixo um negócio enorme.*

- *O africano tem grande, parece um jegue, grandão.*

- Teve um que chegou e disse: olha, meu pinto tem 45 cm e eu quero comer seu cu. Aí eu disse para ele: olha ainda bem que você me falou que assim não dá.

- Tem aqueles torto que querem entrar. Tem de tudo que é jeito.

- O de japonês é bem pequenininho, não faz nem cócega.

- Tem aqueles também que é mole, fala: vou comer muito e não aguenta. Paga do mesmo jeito, entrou pagou. Toma dez comprimidos por dia, e não levanta e você fica naquela agonia.

- Aí eu pego uma luva, coloco o dedo no ânus dele e não é que o negócio levanta! Homem só sente tesão com o dedo no rabo.

- Chegou um cara para mim, e disse: olha você trouxe o brinquedinho? Aí ele tirou uma cenoura, passei bastante creme e toma, toma. O cara suava, e dizia pelo amor de Deus, ele gosta!!

- Um cliente perguntou se eu tinha consolo e eu disse tenho, coloquei nele e não é que sumiu. Aí ele indo embora, eu fui atrás e disse, meu filho meu consolo está aí no seu rabo.

- A maioria dos homens são todos veados. Come mulher mas gosta de dar o ânus.

- A coisa mais estranha foi um homem pedir para eu fazer xixi na cara dele. Aí ele disse, não é na minha boca, aí eu fiz. Aí ele ficou todo feliz.

- Tem homem que paga a gente só para fazer isso, é tanta aberração que eu digo meu Deus como pode, porque eu com esse tempo todo ainda não me acostumei. Apesar de eu ser liberal.

- Tem homem que já não gosta que a mulher toma banho.

- Ele chegou para mim e disse, de hoje a oito dias você fica sem lavar a vagina, eu disse: Porra como vai ser isso?

- Às vezes você me vê alegre, mas eu tenho uma grande tristeza na minha vida.

- *Minha mãe parou e disse: olha você já namorou com uma porção. Você não vai casar não? Eu disse: não quero estudar e trabalhar, não vou casar não. Ela me deu um tapão na cara.*

- *Dizem que praga de mãe adotiva não pega, mas essa pegou sim, quando ela me abraçou no altar ela me disse, você nunca há de ser feliz. Foi minha mãe que me separou do meu marido. Peguei ela na cama com ele.*

- *A tua mãe é tua mãe, sua madrasta é sua madrasta.*

- *Eu sei que eu casei com este traste, tive três filhos, apanhava feito capeta dele.*

- *Eu já me apaixonei, mas quando eu era mais nova né?*

- *Tem homem que é uma merda da hora que nasce até a hora que morre. Tem que falar!!!*

- *Para ficar na praça todas nós somos artistas, trabalho de segunda à sexta.*

- *O medo de ficar gorda vai passando, porque os homens elogiam, Ah! tem quem gosta.*

- *Está com 25 anos que venho aqui e não posso reclamar de nada.*

- *O que eu pensei na minha vida deu tudo errado, tudo errado.*

- *O destino filha, fazer o quê? você vai brigar com o destino?*

- *Eu faço do que eu gosto, gosto de carinho, de um cara cheiroso.*

- *Olha eu não gosto de me gabar, mas meus clientes falam que eu sou gostosa.*

- *Os caras me perguntam: será que você é boa mesmo? Aí eu digo: bom, eu não sei né? eu nunca me comi.*

- *Eu gosto de sair com você porque você é uma menina, só de olhar me dá prazer.*

- *Agora na menopausa, agora que eu sinto prazer filha, vem aquela quentura toda.*
- *Essas todas as moças que frequentam a praça não tem uma que sofra de depressão.*
- *Pra mim é uma terapia. Juro.*
- *A gente é gente que precisa de gente.*
- *Se masturbar não faz o prazer da gente, não é como uma carne na outra.*
- *Homem gosta de meter, se não mete é porque não tem dinheiro. Se tem um dinheirinho eles deixam de comer para meter.*
- *O sexo é tão forte que eles fazem qualquer negócio pelo sexo.*
- *Já fazem 42 anos que eu estou nessa vida, e até hoje eu faço o que eu gosto.*

CAPÍTULO V

NO DISCURSO SOCIAL, A HISTÓRIA VIVIDA

A sexualidade na velhice é tema que, na PUC-SP, desperta curiosidade científica há mais de 10 anos em pesquisadores, que motivados a adentrar nos territórios da sexualidade, vêm desbravando esse campo de investigação que inclui questões epistemológicas complexas como a velhice contemporânea, uma realidade ainda desconhecida e inexplorada.

Ao se buscar o significado da fala dos idosos procurou-se compreendê-los no seu contexto vivido, como rede de relações entrelaçadas. Segundo Clifford Geertz (1978), trata-se de padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos e materializado em comportamentos. Na obra *A Interpretação das Culturas*, o autor apresenta a Fenomenologia da Cultura, em que escreve que o essencial é anotar e interpretar o discurso social. Discurso encontrado na pesquisa documental deste estudo.

A percepção da sexualidade no processo do envelhecimento trata-se, no conjunto, de reflexões ricas e instigantes que suscitam e enfrentam questões filosóficas e políticas mais amplas.

No curso de pós-graduação em Gerontologia da PUC, oito alunos, de diversas formações disciplinares (3 fisioterapeutas, 2 enfermeiras, 1 cientista social, 1 psicólogo e 1 assistente social) abordaram amplamente o tema, no qual tabus foram revelados, curiosidades e dúvidas esclarecidas em trabalhos de três homens e cinco mulheres. Para diversos homens, falar da sexualidade é conhecer e descobrir, perceber os sentidos.

O primeiro foi Carlos Alberto Moraes, em 2003. Moraes, em sua dissertação, pretendeu analisar a percepção da sexualidade feminina no processo de envelhecimento. Dez anos depois, em 2013, a aluna Carolina Moraes Miranda Rolim corroborou Moraes, discutindo a sexualidade das mulheres envelhecidas, a redução dos níveis de fecundidade e fases do climatério e menopausa.

Ao serem comparadas as duas dissertações, constata-se que independentemente do tempo transcorrido, ocorrerão vontades e anseios sexuais. Não houve diferença entre as idosas de 2003 e as de 2013 em relação a descobertas e desejos, porém, modificou-se a liberdade verbal sobre o assunto.

Selecionamos dois trechos de depoimentos nos quais é possível observar a distinção.

Dissertação 2003: “Ah! Eu acho que o amor é... é um... são vários sentimentos juntos, né? Eu acho que tem desejo dentro do amor, eu acho que tem companheirismo e cumplicidade. E para dizer que amamos, tem que haver uma gama de atributos no relacionamento” (SMB, 48).

Dissertação 2010: “Com a menopausa, muitas vezes não tem vontade de ter relação sexual, o corpo de antes já não existe mais, você se sente deprimida, é bem ruim, porque isso mexe muito com o seu psicológico e interfere no seu dia a dia”.

(Natália)

Torna-se evidente a diferença que as bloqueia; observam-se pausas e pontuações que revelam a timidez de desvendar assuntos agora não mais ocultos. Mesmo que sejam palavras “doces” de amor e desejo, tem-se a convicção de ser apenas o complemento de um amor.

Após seis anos (2009), Carlos Alexandre Costa Correia, e Pedro Paulo Sammarco Antunes (2010) descrevem a temática da homossexualidade. Joelma Higa (2013), em sua pesquisa “União conjugal e homoafetiva de idosos brasileiros: antigos conceitos, novas concepções”, investigou uniões conjugais heterossexuais e homoafetivas na velhice.

Observou-se a inexistência de informações estatísticas no país que vislumbrassem a magnitude da homoafetividade idosa no país. Em sua pesquisa, Higa refere-se a alguns dados que gradativamente foram incorporados às estatísticas oficiais, como o Censo 2010, que se colocou no curso atual das transformações sociais, inserindo a relação homoafetiva, mas ainda insuficientes para a análise histórica de suas variáveis.

Por meio de dados abrangentes do casamento (heterossexual), Higa verificou o crescimento dessa união na velhice na última década, desmistificando que o homem idoso se une, preferencialmente, com mulheres mais jovens, como ocorre no imaginário social. A pesquisadora interpretou a reportagem apresentada pela jornalista Cris Flores, no programa de televisão “Hoje em dia”, da TV Record, em março de 2012, no quadro intitulado “Melhor idade: hora da virada”: “João, 76 anos, viúvo há dez anos, e Beatriz, 65 anos, que ficara viúva havia pouco tempo. Quis o destino que os dois se conhecessem no Centro de Referência do Idoso, para a realização do casamento na velhice”.

A constatação de declarações homoafetivas idosas espalhadas pelo país solicita maior atenção sobre a existência dessa diversidade fora das grandes metrópoles. O que faz o filme “Desejo proibido”, analisado por Higa, no qual três histórias sobre homoafetividade acontecem na mesma casa, e em uma delas se vincula a relação homoafetiva à faixa etária idosa.

Nos três trabalhos se ressalta a hipocrisia da sociedade em relação a ser homossexual e travesti na terceira idade. A sexualidade é aspecto muito valorizado por esses homens, que lembram que o tempo implica mudanças, mas que elas não impedem sentir desejo e prazer.

Enfatiza-se que o preconceito acontece, mas na dissertação de Antunes a discriminação em empregos é maior. Ele afirma que os travestis vão para as ruas porque não têm opção. Em um dos depoimentos, ele ressalta: “Travestis jovens que não se preparam? A média da idade delas não é muito grande, não há travestis com 60 anos. Com 50 você encontra uma ou outra... Uma travesti na ativa com 40 anos não se encontra mais. Quando chegam acima de 50 anos, elas próprias se ocultam e somem completamente. O que estamos fazendo agora? Eu represento uma rede nacional que tem 52 instituições e aconselhamos todos os travestis a pagarem o INSS para que no futuro tenham uma aposentadoria”.

Correia, por sua vez, em relação ao preconceito, cita forte e envolvente depoimento de Hefesto, que se tornou homossexual por ter sido vítima de pedofilia praticada por um padre.

Tânia Gonçalves Lima, em 2003, relatou a relação homossexual feminina. Na velhice, segundo a autora, é singular e heterogênea. Descreveu o preconceito e o estigma em relação a essa minoria de mulheres, que evidenciam um duplo preconceito social.

A homossexualidade feminina e masculina remete a sexualidade desses idosos a uma voz silenciosa. O preconceito existe nos dois sexos da mesma forma, mas a mulher homossexual idosa fica mais escondida em seus amores e anseios. A descoberta existe a cada dia.

Carlos Alexandre Costa Correia, Joelma Higa, Tânia Gonçalves e Paulo Pedro Sammarco Antunes, destacam a homoafetividade no processo de envelhecimento. Em seus trabalhos o destaque segue a medida em que os direitos forem assegurados para todos, sociedade e dignidade, respeito e participação possibilitando que o sujeito construa sua própria história. A concepção de família para idosos homossexuais difere do modelo tradicional vigente na sociedade, pois ao refletir sobre a velhice observam-se que o vínculo de amizade existentes entre os homossexuais, e a família de amigos formada por elas passam a ser o principal apoio ao envelhecer.

Destacam-se a existência do forte vínculo de amizade característicos de grupos homossexuais, decorrentes da ausência de uma formação familiar tradicional e da fragilidade da união conjugal existente. Uma ideia revolucionária sobre a velhice vinculada a grupos estigmatizados torna-se ainda mais relevante, não existindo que existe diversas maneiras de se envelhecer e a construção de muitas outras formas. Será cada vez mais necessário em virtude da constante mutabilidade e diversidade cultural e social.

Diante dos trabalhos sobre a homossexualidade em ambos os sexos, e a sexualidade feminina no ser envelhecendo, o que mais se evidencia é o olhar dos idosos em relação à sexualidade.

As três dissertações descrevem a curiosidade em relação ao idoso. Curiosidade que parte dos alunos e dos leitores. Curiosidade com o ser que envelhece e com o ser deficiente que envelheceu.

Os idosos foram titulados apenas como envelhecidos e doentes. Quando o fisiológico, natural, é praticado toda a vida e nos damos conta da idade, aí vem a dúvida: os desejos continuam? É possível o orgasmo?

A pesquisa de Cristiane Pasqua Prumes, em 2007, teve como objetivo compreender os sentimentos relacionados à sexualidade dos portadores de deficiência intelectomotora em processo de envelhecimento, e a inclusão sexual com os portadores de deficiência, o que é sempre permeado de vários preconceitos. Em um dos seus depoimentos, Prumes descreve os anseios de um pai que percebeu o desejo de seu filho.

Depoimento: “Sim! O constrangimento acontece. Ligar para uma garota de programa e pedir para que se encontre com meu filho para satisfazê-lo foi duro”.

Janaína da Silva Aguiar (2011) escreveu “O escutar: confissões sobre sexualidade”. Os entrevistados relatam que a sexualidade nunca desaparece, a vida afetiva é normal e às vezes há turbulências como em qualquer relacionamento a dois de longa data, inteligentes para superar essa parte, se beijam, andam de mãos dadas quando saem, frequentam motéis.

Uma minoria dos entrevistados não teve experiência na sexualidade com pontos positivos, não sabe se expressar ou as experiências deixaram a desejar. Houve quem se sentisse deprimido, outros se manifestaram extrovertida ou introvertidamente, mas sentindo-se valorizados por saberem que a sua faixa etária não foi totalmente esquecida pela sociedade.

Aguiar descreveu que inicialmente havia espontaneidade e entusiasmo das mulheres, ao contrário do que ocorria com os homens. Mas ao terminar a entrevista, abordando a sexualidade, os papéis se invertiam: os homens tornavam-se mais extrovertidos e espontâneos do que as mulheres. Somente em uma das entrevistas, com um casal italiano, isso se modificou, pois ele somente respondia sobre sexualidade com detalhes quando completava a fala da esposa.

Há distintas limitações, mas deve-se sempre acreditar que todas as experiências valem a pena.

Almeida (2005) recorda que envelhecer não significa parar de sonhar e buscar novos projetos de vida, e afirma que o velho tem em sua frente um mundo de possibilidades.

A respeito do envelhecimento, Mascaró (1997, p. 40) ressalta que o processo de envelhecimento humano “precisa ser considerado num contexto amplo, no qual circunstâncias de natureza biológica, psicológica, social, econômica e cultural estão relacionadas entre si”.

Pode-se dizer que estas pesquisas incorporam e movimentam o compromisso da Gerontologia com a interdisciplinaridade na medida em que entendem e propõem que se aborde cientificamente o envelhecimento humano e a velhice, levando em conta principalmente os pontos de vista subjetivo e sociocultural. Nesse sentido, as dissertações apresentadas assumem o princípio de que a Gerontologia Social incorpora, simultaneamente, pares de opostos (saúde x doença, atividade x inatividade, potência x fragilidade, entre outros) em causa no processo de envelhecimento e no viver a vida na velhice (RELATÓRIO CAPES, 2012).

Já os depoimentos de “A dança da vida” e “69 Praça da Luz” corroboram Almeida e Mascaró. Em um dos depoimentos de “A dança da vida”, José Daniel Artuim, que é chaveiro, relata: “Gosto de passear, gosto de namorar, e se tivesse chance fisicamente, com certeza casaria outra vez”. Em “69 Praça da Luz”, uma das senhoras afirma: “Quando você perde sua mãe, você perde tudo. A vida segue, se soubesse que prostituição dava dinheiro, meus filhos nunca haveriam de ter passado fome”.

No filme documentário “69 Praça da Luz”, observamos nos depoimentos que solidão na velhice se apresentou como uma preocupação para poucas entrevistadas. A história de vida dessas senhoras e suas marcas do passado trazem à tona um envelhecimento onde desejo e amor não se unem. O amor para muitos nunca acontece, e o desejo passa a ser momentâneo. Enquanto que o documentário “A dança da vida” mostra o carinho, toque, amor e compreensão junto ao desejo.

Ao titularmos amor e sexualidade, observamos como muitas vezes as duas palavras tão distintas se unem e se separam. A vida nos mostra caminhos tortuosos; por mais que o processo de envelhecimento fisiológico seja o mesmo, o desejo e o amor podem andar separados. A sexualidade independe do amor, e o desejo muitas vezes ressalta a história vivida de cada indivíduo.

As vozes dos velhos descritas densamente - tanto nas telenovelas quanto em ambos os documentários - indicam que as pessoas acima de 60 anos são sujeitos com possibilidades de subverter, transformar valores e modos de vida que, social e culturalmente, lhes são impostos. E que do ponto de vista sociocultural e subjetivo o vivenciar a sexualidade no envelhecer é marcado por diversidade e singularidade.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“A GENTE É GENTE QUE PRECISA DE GENTE”

Em minha trajetória profissional como fisioterapeuta, o contato com patologias e doenças decorrentes sempre fizeram parte da minha vida. O bem estar sociocultural da pessoa atendida ficava sempre de lado. Essa foi a lição aprendida nos bancos escolares. Olhar o corpo doente, como se naquele corpo não habitasse um sujeito. No entanto, na relação com os pacientes fui percebendo que a vergonha e acanhamento dos idosos em relação aos toques terapêuticos - massagem terapêutica, alongamentos musculares, pompagens, técnica de energia muscular, entre outros -, faziam parte da diminuição do desenvolvimento motor durante a terapia. Mãos eram abordadas e alguns movimentos não eram realizados por vergonha ou situações que poderiam traduzir em insinuações. Situações que levam muitos profissionais despreparados a estigmatizarem os idosos, tachando-os de sem vergonha ou tarados por reagirem involuntariamente às técnicas manuais, instrumento principal de nossa atuação.

Isso nos levou a querer identificar - no cenário gerontológico e não na doença - o que os idosos dizem sobre a sua sexualidade, para assim compreendermos o discurso social, considerando a multiplicidade de abordagens e narrativas. Por cenário gerontológico entendemos as produções acadêmicas do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUC-SP, telenovelas da rede Globo e filmes documentários; cenário que desvelou narrativas de um tema tabu, que é a sexualidade na velhice.

Consequentemente, conhecer essas descrições densas é conhecer o discurso social daqueles que vivenciam o prolongamento da vida; oferecendo-nos possibilidades interpretativas e analíticas, além de nos permitir abrir janelas para a construção de saberes sobre nossa sexualidade.

A identificação de algumas “vivências” realçadas nas dissertações, telenovelas e filmes documentários, além de contribuir para a reflexão sobre as sexualidades possíveis, a partir das “vozes” de idosos e seus significados, possibilitou compreender melhor os desejos nessa fase da vida. Isto é, se a vida é uma experimentação da sexualidade, realçar as falas de quem a vivencia é traçar uma possível estética da velhice, na qual a vivência do envelhecimento mostra comportamentos sexuais diversos.

A frase “A gente é gente que precisa de gente” que dá título a estas considerações iniciais, citada por uma prostituta assumida e de idade avançada no documentário “69 Praça da luz”, sintetiza o que há em comum entre as produções acadêmicas do Programa de Gerontologia da PUC-SP a respeito da sexualidade na velhice, as telenovelas, assim como em ambos os Documentários: cada vez mais se vem realçando a sexualidade na terceira idade. Em todos eles fica claro que as pessoas idosas, continuam sendo gente; e como gente também precisam de gente, o que implica em afetividade e sexualidade.

A trajetória para chegar até aqui significou um longo caminho de questionamentos, descobertas e aprendizagem. Durante este percurso, para que pudesse compor e finalizar este estudo, houve um investimento de tempo e dedicação. As indagações apresentadas foram descritas densamente e fundamentadas por leitura de diversos autores e teóricos que discutem os temas presentes neste trabalho. Mas muitas

outras surgiram, entre elas, como desmitificar a crença de que o avançar da idade e o declinar da atividade sexual estejam ligados?

Durante este estudo, percebemos que a análise interpretativa dos discursos densos dos idosos, não se esgota, pois verificamos ser possível encontrar novos significados e interpretações nos mesmos. Divisamos, então, que esta pesquisa poderá ser um ponto de partida e uma referência para novos pesquisadores sobre este tema, velhice e sexualidade, proporcionando a realização de outros estudos interdisciplinares, focados na perspectiva da Gerontologia Social. Como também subsidiar as grades curriculares dos cursos de graduação de Fisioterapia existentes pelo país afora, a fim de que os futuros profissionais tenham uma maior compreensão a respeito da situação do toque, tanto de quem toca como de quem é tocado. Afinal, além de sermos não apenas Cronos, mas também Kairós, *a gente é gente que precisa de gente.*

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, J.S. *O escutar: Confissões sobre a sexualidade*. Dissertação de Mestrado em Gerontologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.
- ALMEIDA, V. L. V. Velhice e Projetos de vida: possibilidades e desafios. In: *Velhice, envelhecimento, (complexo) idade*. CÔRTE, B.; MERCADANTE, E.F; ARCURI, I. G. (Orgs). São Paulo: Vetor, 2005 p. 93-110.
- ANTUNES, P.P.S. *Travestis envelhecem?* Dissertação de Mestrado em Gerontologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BIRMAN, J. Futuro de todos nós: temporalidade, memória e terceira idade na psicanálise. In: VERAS, R. (org.). *Terceira Idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, p.29-48, 1995.
- BERZINS, M.A.V.S. Envelhecimento Populacional: uma conquista para ser celebrada. In: *Serviço Social e Sociedade*. Velhice e Envelhecimento. São Paulo: Ed. Cortez, 2003.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. *Atenção à saúde da pessoa idosa e envelhecimento / Área Técnica Saúde do Idoso*. – Brasília, 2010. 44 p. Il.- (Série B. Textos Básicos de Saúde) (Série Pactos pela Saúde 2006, v. 12).
- BEAUVOIR, S. *A velhice*. Tradução: Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- CANGUILLEN, G. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 2000.
- CAPRA, F. *O Ponto de Mutação: A Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente*. São Paulo: Cultrix, 1982.
- CAPRA, F. *Mindwalk (O Ponto de Mutação)*. Cannes: Cannes Home Video, 1990.
- CARVALHO-FILHO, E.T. de e PAPALÉO-NETTO, M. *Geriatrics. Fundamentos, Clínica e Terapêutica*. 1º Ed. São Paulo: Atheneu, 2000.
- CORREIA, C.A.C. *Homossexualidade e velhice. A dupla estigmatização*. Dissertação de Mestrado em Gerontologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.
- CORSETTI, B. *Análise documental no contexto da metodologia qualitativa*. *UNirevista*, vol. 1, n° 1: 32-46 (janeiro 2006). Disponível em: <http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/ART%2005%20BCorsetti.pdf> Acesso em 21 de abril de 2011.
- CHAUÍ, M. *Laços do Desejo*. In: *O desejo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CÔRTE, B; LIMA, M.A.X.; MURTA, N.M.G.A. *A diversidade de alunos e pesquisas do Pós em Gerontologia*. In: *Revista Kairós*, São Paulo, dez.2003.

- D'ANTINO, M.E.F. *A máscara e o rosto da Instituição especializada*: Marcas que o passado abriga e o presente esconde. São Paulo: Memnon, 1998.
- DEBERT, G. G. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2004.
- FOUCAULT, M. *Hermenêutica do sujeito*. Trad. De Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: A vontade de Saber*. 10ª Ed. Trad. De Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- GEERTZ, C. *A interpretação das Culturas*. São Paulo: LTC, 1978.
- GIAMI, A. *Sexual health: the emergence, development and diversity of a concept*. *Annual Review of Sex Research*; 38(8): 919-923, 2003.
- Joelma HIGA, J. *União conjugal heterossexual e homoafetiva de idosos brasileiros: antigos conceitos, novas concepções*. Dissertação de Mestrado em Gerontologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013.
- LIMA, T.G. *Tornar-se velho: O olhar da mulher homossexual*. Dissertação de Mestrado em Gerontologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.
- LIMENTANI, A. Creativity and the Thirde Age. *International Journal of Psychoanalysis* 1995; 76: 825-833.
- LOPES, G.P. *Sexualidade humana*. Rio de Janeiro: Medsi, 1989.
- LUDEMAN, K. Sexuality and aged - *The gerontologist*.v.21, n.2 p.35-40, 1981.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo, EPU, 1986.
- MASCARO. S.A. *O que é velhice*. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- MORAES, C.A. *A percepção da sexualidade feminina no processo do envelhecimento. Estudo comparativo de grupos de mulheres da quarta e oitava década*. Dissertação de Mestrado em Gerontologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.
- MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 10. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2005.
- NETTO, M.P. *Gerontologia: A velhice e o envelhecimento em visão globalizada*. 1. São Paulo: Atheneu, 1996. Disponível em: <<http://gballone.sites.uol.com.br/psquiatriageral>>. Acesso em 11/11/2011.
- POTTER, P. *Fundamentos de Enfermagem*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, vol.1, 1999.
- PROGRAMA DE GERONTOLOGIA, PUC-SP. *Sobre Gerontologia (xerox)*. Coletânea de textos selecionados como material didático dado em sala de aula durante o curso de Gerontologia PUC/SP, 2010.

PRUMES, C.P. *Ser deficiente, ser envelhecendo, ser desejante*. Dissertação de Mestrado em Gerontologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

RELATÓRIO CAPES. *Sobre Gerontologia* (xerox). Coletânea de textos selecionados como material didático dado em sala de aula durante o curso de Gerontologia PUC/SP, 2012.

ROLIM, C.M.M. *Sexualidade das mulheres envelhecendo: idade de grandes transformações e desafios*. Dissertação de Mestrado em Gerontologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013.

RISMAN, A. Atividade sexual na terceira idade. In: VERAS, R. *Terceira idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, UERJ, 1995. p. 49-64.

RISMAN, A. Sexualidade e Terceira Idade: uma visão histórico-cultural. *Textos Envelhecimento*. Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, 2005. Disponível em: <http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151759282005000100006&Ing=pt&nrm=iso>. Acesso em 18 out. 2012.

SALIMENE, A.C.M. Sexualidade no Envelhecimento com Dependência. In: *Serviço Social e Sociedade - Velhice e Envelhecimento*. São Paulo: Cortez, 2003.

SCHIAVI, R.C, REHMAN, J. Sexuality and Aging. *Impotence* 1995; 22(4): 711-725.

SILVEIRA, N.D.R.; CÔRTE, B. Vivências singulares na velhice: mídia e educação. *Revista Portal de Divulgação*, v. 7, p. 23-27, 2011.

STEINKE. E.E. Sexuality in Aging: Implications for Nursing Facility Staff. *The Journal of Continuing Education in Nursing* 1997; 28(2): 59-63.

WERLANG, B.S.G. Velhice feminina e sexualidade. Porto Alegre: *Psico*, v.7, n1, p.91-1000, 1989.

Documentários

A DANÇA DA VIDA. Direção: Juan Zapata. Brasil Documentário, Porto Alegre: Estação Elétrica filme e vídeo, 2008 [produção]. 1 filme documentário (80 min), HD, 35 mm. Zapata Filmes. Disponível em: <http://www.zapatafilmes.com.br/adancadavida.html>. Acesso em 23 de março de 2013.

69 - Praça da Luz. Direção e produção: Carolina Markowicz e Joana Galvão, 2007. São Paulo. 1 Curta-metragem (15 min), vídeo. Disponível em: <Disponível em: http://portacurtas.org.br/filme/?name=69_praça_da_luz>. Acesso em 15 de agosto de 2013.